



UNIVERSIDADE ZAMBEZE
Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades
Direcção da Pós-Graduação, Investigação e Extensão

Aspectos do Discurso relatado no Português de Moçambique

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Língua e Literatura Portuguesa

Ramadane Jone Carimo

Beira, 2019

Aspectos do Discurso relatado no Português de Moçambique

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Língua e Literatura Portuguesa

Direcção da Pós-Graduação, Investigação e Extensão
Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades
Universidade Zambeze

Orientador: Prof. Doutor Martins Mapera

Beira, 2019

Declaração

Declaro que a presente dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau académico em nenhuma instituição de ensino. Portanto, ela constitui o resultado da minha abnegada investigação pessoal, cujas fontes consultadas encontram-se devidamente citadas ao longo do trabalho e apresentadas na bibliografia.

Beira, 2019

Ramadane Jone Carimo

Dedicatória

À minha Mãe, Helena Califa, Precursora de todo um percurso de vida...

Aos meus filhos, Leonel e Ralph e, de modo especial ao Leo.

À memória do meu Pai, Jone Carimo, do meu irmão, Mareza, da minha avó, Apana Ali.

Que Deus os Tenha!

Agradecimentos

Com este trabalho, que constitui o ponto mais alto de uma das partes da minha formação académica, apraz-me hoje expressar tão profundamente os meus agradecimentos aos que contribuíram, de diversas formas, para que a mesma se tornasse realidade.

A Clemente Deus Todo-Poderoso, pela Oportunidade...

Ao Prof. Doutor Martins Mapera, meu supervisor, pela disponibilidade na orientação do trabalho, nas suas diferentes fases em que deu o seu precioso contributo.

À Professora Catedrática Perpétua Gonçalves, pelas indicações bibliográficas e pela revisão científico-metodológica.

Ao Prof. Doutor Manuel Guissemo, pela colaboração pronta quando precisei da sua dissertação para reflectir sobre alguns aspectos.

Ao colectivo de Professores do curso, pela partilha dos valiosos conhecimentos, em particular aos Profs. Doutores Nobre dos Santos, Martins Mapera, Ana Piedade Monteiro, Crisófia Langa e Cristóvão Felisberto Seneta.

À Direcção da Universidade Pedagógica, Delegação de Montepuez, pela oportunidade de continuação dos meus estudos, de modo que possa responder aos diversos desafios que se nos colocam política e socialmente.

À minha estimada Mãe, pelo sacrifício no apoio incondicional dado no meu percurso académico, desde ao ensino primário ao superior.

Ao meu Pai, pela contínua presença interior, a quem sempre busco nos meus sonhos e nas minhas lutas.

À minha companheira, Anastácia Amimo, pela partilha das ideias e incentivo nas diferentes esferas da vida que temos vindo a projectar para o melhor da nossa família.

Aos meus filhos, Leonel e Ralph (em especial ao Leo, que “decidiu” nascer na minha ausência aquando do decurso da formação), pela vontade de viver.

Aos meus colegas e amigos, em especial ao Ikbal Alcoleite, Cardoso Nhambirre, Harriet Harry e Agostinho Muchombe, com os quais partilhei mais estreitamente os bons e maus momentos deste percurso.

Às direcções da Escola Secundária 15 de Outubro, Escola Secundária da Ponta-Gêa, Colégio Dom Bosco e Colégio Moderno e, em particular aos directores-adjuntos pedagógicos, pela coordenação no trabalho de campo que permitiu a recolha dos dados junto dos alunos.

Ao dr. Herculano Morgado Guivala, pelas contribuições dadas respeitantes à ortografia em Línguas Bantu.

E a todos quantos directa ou indirectamente contribuíram para que a minha formação se concretizasse.

Resumo

O presente estudo reflecte sobre os aspectos decorrentes da produção do Discurso relatado na Língua Portuguesa falada em Moçambique por alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário Geral, procurando mostrar de que forma procedem os falantes do Português à realização do discurso relatado, considerando que os mesmos utilizam as Línguas Bantu como Língua Materna. O grupo-alvo desta pesquisa são alunos da 12ª classe das Escolas Secundárias 15 de Outubro de Montepuez e Ponta-Gêa da Beira e dos Colégios Diocesano Dom Bosco de Pemba e Moderno de Maputo, instituições de ensino público e privado, respectivamente. A recolha dos dados consiste na submissão de um questionário auto-aplicado cuja actividade principal é fazer a transposição de um conjunto de frases do discurso citado/directo para o discurso relatado/indirecto, recolhido de nove obras literárias, de onde são extraídas vinte e duas frases de diferentes verbos introdutores.

Palavras-chave: Português de Moçambique/Europeu, Línguas Bantu, Discurso relatado

Abstract

This study reflects on the aspects arising from the production of the Discourse reported in the Portuguese language spoken in Mozambique by students of the Secondary School of General Secondary Education, trying to show how the speakers of Portuguese proceed to the discourse reported, considering that they use the Bantu Languages as Mother Tongue. The target group of this research are students of the 12th class of the Secondary Schools of Montepuez and Ponta-Gêa da Beira, and of the Dom Bosco Colleges of Pemba and Moderno de Maputo, public and private schools, respectively. The collection of data consists of the submission of a self-applied questionnaire whose main activity is to transpose a set of phrases from the quoted / direct discourse to the reported / indirect discourse, collected from nine literary works, from which twenty-two phrases of different introductory verbs.

Keywords: Mozambican Portuguese/European, Bantu languages, Discourse reported

Sumário

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo	v
Lista de siglas, abreviaturas e símbolos.....	ix
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO I – ASPECTOS LINGUÍSTICOS CONSTITUTIVOS DA REPRODUÇÃO DO DISCURSO	8
1.Sobre Discurso.....	8
1.1.Dimensões do Discurso	10
2.Discurso como acto de enunciação	10
3.Actos de fala	12
3.1.Actos ilocutórios	13
4.Marcadores Discursivos.....	16
4.1.Classe dos Marcadores Discursivos	17
5.Princípio da cooperação na interacção discursiva	18
5.1.Máximas conversacionais	18
6.Estruturas de reprodução de enunciações na norma europeia	20
6.1.Discurso Directo.....	21
6.2.Discurso Directo Livre	23
6.3.Discurso Indirecto	24
6.4.Discurso Indirecto Livre.....	26
6.5.Particularidade do DDL/DIL	27
7.Algumas características do Português de Moçambique.....	27
7.1.Complementador <i>que/se</i> na construção do discurso relatado	29
8.Breve panorama linguístico de Moçambique.....	30
8.1.As Línguas do grupo Bantu em Moçambique	31
8.2.A situação da Língua Portuguesa em Moçambique.....	32

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	34
1. Procedimentos metodológicos.....	34
1.1.Métodos científicos	35
1.2.Técnicas e instrumentos de recolha de Dados	35
1.3.Procedimentos de recolha de Dados	36
2.Amostragem	37
2.1.População	37
2.2.Amostra.....	37
3.Descrição da população de Investigação.....	38
3.1.Escola Secundária 15 de Outubro	38
3.2.Colégio Diocesano Dom Bosco.....	39
3.3.Escola Secundária da Ponta-Gêa.....	41
3.4.Colégio Moderno.....	42
CAPÍTULO III – DISCURSO RELATADO NO USO GERAL DO PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE.....	44
1. Metodologia de Análise de Dados.....	44
2. Questões básicas de pesquisa.....	45
4.Respostas às questões colocadas.....	45
5.Aspectos do problema de pesquisa	47
5.1.Casos de variação do PM à norma do PE	47
6.Aspectos do contacto entre Línguas Bantu e Língua Portuguesa em Moçambique ...	52
CONCLUSÃO E SUGESTÕES	54
BIBLIOGRAFIA.....	56
ANEXOS	62

Lista de siglas, abreviaturas e símbolos

Caract. = Características

CDB = Colégio Diocesano Dom Bosco

CM = Colégio Moderno

DD = Discurso Directo

DDL = Discurso Directo Livre

DI = Discurso Indirecto

DIL = Discurso Indirecto Livre

ESG = Ensino Secundário Geral

ESPG = Escola Secundária da Ponta-Gêa

ES15 = Escola Secundária 15 de Outubro

NELIMO = Núcleo de Línguas Moçambicanas

LB's = Línguas Bantu

L1 = Língua Primeira/Materna

L2 = Língua Segunda

LP = Língua Portuguesa

MDs = Marcadores Discursivos

PE = Português Europeu

PM = Português de Moçambique

PPOM = Panorama do Português Oral de Maputo

V int P+ Ø V prn P = Verbo Introdutor no presente sem complementador e verbo principal no presente

V int PP+ que V prn PI = Verbo introdutor no pretérito perfeito com complementador e verbo principal no pretérito imperfeito

V int P/P+ se V prn P = verbo introdutor no pretérito mais que perfeito com complementador e verbo principal no presente

V int PP+ queV prn P = verbo introdutor no pretérito perfeito com complementador e verbo principal no presente

V int PP+ que Vs prns P = verbo introdutor no pretérito perfeito com complementador e verbos principal e outros no presente

V int PP+ – V prnc PP = verbo introdutor no pretérito perfeito e verbo principal no pretérito perfeito

V int PP+ que V aux PI = verbo introdutor no pretérito perfeito com complementador e verbo auxiliar no pretérito imperfeito

V int PP+ Ø V prn P = verbo introdutor no pretérito perfeito sem complementador e verbo principal no presente

V int PP+ → V prn P = verbo introdutor no pretérito perfeito e verbo principal no presente

V int P+ → V prn F = verbo introdutor no presente e verbo principal no future

V int PP+ → V prn FP = verbo introdutor no pretérito perfeito e verbo principal no futuro do pretérito

*= Indicativo de frase agramatical

Lista de quadros

Quadro 1: Tipologia da Deixis

Quadro 2: Classificação dos actos de fala

Quadro 3: Distribuição de verbos ilocutórios

Quadro 4: Distribuição de Principais Marcadores Discursivos

Quadro 5: Casos de aplicação correcta de máximas conversacionais

Quadro 6: Alterações decorrentes da transposição das estruturas do DD para DI

Quadro 7: Respostas relativas ao conhecimento do discurso relatado

Quadro 8: Reprodução do discurso no geral do Português pelos informantes

Quadro 9: Aspectos de contacto linguístico

Lista de tabelas

Tabela 1: Distribuição de línguas faladas por população

Tabela 2: Distribuição de informantes por escola

Tabela 3: Situação linguística por zona residencial (ES15)

Tabela 4: Situação linguística dos informantes por zona residencial (CDB)

Tabela 5: Situação linguística dos informantes por zona residencial (ESPG)

Tabela 6: Situação linguística dos informantes por zona residencial (CM)

Tabela 7: Resultados sobre o conhecimento do discurso relatado

Tabela 8: Resultados sobre a transposição do discurso directo para o discurso relatado

Lista de gráficos

Gráfico 1: Distribuição de informantes por género (ES15)

Gráfico 2: Distribuição de informantes por género (CDB)

Gráfico 3: Distribuição de informantes por género (ESPG)

Gráfico 4: Distribuição de informantes por género (CM)

INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa em Moçambique tem vindo a sofrer uma série de mudanças a vários níveis como é natural a qualquer língua viva, incidindo sobre as *propriedades do léxico e aspectos da morfossintaxe*, onde se regista, por exemplo: *a criação de novas palavras, resultantes de empréstimos às Línguas Bantu/L1 dos falantes, o uso de palavras já pertencentes ao léxico do Português Europeu, às quais são atribuídos novos valores semânticos ou diferentes propriedades de selecção, sintácticas ou semânticas*.¹

A mudança da Língua Portuguesa pode assim considerar-se bastante diversa, sobretudo, ao nível do léxico, visto que o seu uso varia de região para região de acordo com a influência que sofre das Línguas Bantu locais, facto que não se verifica ao nível da sintaxe (ou da morfossintaxe), caracterizada por uma construção tipicamente baseada na reprodução literal das Línguas Maternas.

Os estudos desenvolvidos a nível da variação da LP em Moçambique têm reiteradamente apontado o contacto de línguas como um dos principais factores do fenómeno, pois todo o tipo de mudança tem estado relacionado com a interferência das Línguas Maternas do grupo Bantu.

As estruturas das enunciações no PM, com particular destaque para o discurso relatado inserem-se no contexto da variação da língua e são caracterizadas por uma construção estranha à norma europeia, uma vez que a sua reprodução nos seus diversos aspectos não cria nenhuma alteração como seria requerido na norma europeia.

¹Cf. Gonçalves (1997).

Delimitação do objecto de estudo

O presente estudo pretende analisar o comportamento (aspectos ou componentes) do Português de Moçambique que decorre da realização do discurso relatado por alunos do 2º Ciclo, mais concretamente, os da 12ª classe, da Escola Secundária 15 de Outubro, Colégio Diocesano Dom Bosco, Escola Secundária da Ponta-Gêa e Colégio Moderno, localizados no distrito de Montepuez e nas cidades de Pemba, Beira e Maputo, na zona Norte, Centro e Sul de Moçambique, respectivamente.

Neste trabalho, a análise do comportamento do PM na realização do discurso relatado envolve tanto a perspectiva da língua falada quanto a escrita, na medida em que o suporte teórico deste estudo é constituído de teorias, pesquisas e exemplos do discurso relatado de base oral, no entanto, os dados colhidos com recurso ao questionário submetido aos informantes são de base escrita.

De referir que os aspectos que constituirão objecto de análise nesta pesquisa inserem-se basicamente no quadro teórico da sintaxe, que permitirá estudar o comportamento da variedade moçambicana do Português em relação à norma europeia, no que diz respeito à realização do discurso relatado.

Problema de Investigação

Moçambique é um país multilingue, onde o Português, língua oficial e de unidade nacional, estabelece uma relação de contacto com as línguas nativas, comumente conhecidas como Línguas Bantu, o que, devido à interferência destas através, portanto, do contacto sociolinguístico existente, determina as mudanças mais ou menos acentuadas que sofre, na sua maioria, ao nível do léxico e da sintaxe.

Diversos estudos sobre a variedade do PM mostram o papel das Línguas Maternas dos falantes, na fixação de novas propriedades gramaticais, que resultam do contacto de línguas (cf. Gonçalves & Chimbutane, 2004: 2). O contacto de línguas sobressai, desta forma, como factor determinante na variação linguística, no caso do PM. No que respeita ao contacto linguístico, Almeida considera que:

A noção de línguas em contacto é habitualmente associada a contextos bi- ou multilingues em que duas ou mais línguas distintas estabelecem entre si relações de força, necessidade ou dependência, resultantes do contacto social dos respectivos falantes, enquadrados em situações de comunicação de ordem diversa. A natureza da interferência de uma língua noutra será melhor explicada em termos de comportamentos discursivos dos indivíduos, que são, por sua vez, condicionados pelas relações sociais e culturais que estabelecem na comunidade em que vivem (Almeida, 2001: 10).

Esta reflexão é um facto em Moçambique, pois o Português e as línguas moçambicanas estabelecem efectivamente uma estrita relação sociocultural. Assim, o contacto do Português com as Línguas do grupo Bantu desencadeia uma série de mudanças que se manifestam não só em contextos de aquisição da língua, mas também em situações de uso natural pelos falantes/aprendentes.

Dias (2009: 396) afirma que o processo de mudanças que ocorrem na Língua Portuguesa, como também em qualquer outra língua do mundo, pode estar a ser motivado pela própria evolução da LP, que pode ter as seguintes causas: i) a necessidade de ajustar a língua ao desenvolvimento cultural, científico e técnico; ii) as alterações no estilo literário que podem afectar a língua comum; iii) os sistemas linguísticos que apesar de estarem estruturados de forma coesa têm também pontos de desequilíbrio e falhas.

De acordo com esta autora (2002: 10), ao fenómeno de mudança em curso na Língua Portuguesa tem-se atribuído designações variadas por parte dos linguistas moçambicanos: dialectalização (Katupha), africanização (Rosário), endogenização (Firmino), dialectação (Gonçalves), naturalização (Lopes).

Considerem-se os exemplos abaixo² (I – um dos casos gerais de ocorrência de variação em diferentes níveis, II e III – casos específicos da variação do discurso relatado).

I. *Há pessoas que opõem-se contra a religião.*

II. *O presidente afirmou que não sei.*

III. *Ele disse que vou à África do Sul.*

² Extraídos de Gonçalves (1996), Gonçalves (2005) e Gonçalves & Maciel (1998), respectivamente.

Estes são alguns casos decorrentes do fenómeno de mudança da LP em Moçambique, considerando o desvio à norma do Português Europeu. Ora, com base nestes exemplos e nos argumentos apresentados sobre a interferência das línguas maternas na Língua Portuguesa, coloca-se a seguinte questão: *De que forma as Línguas Bantu interferem na reprodução do Discurso relatado no Português de Moçambique?*

Relevância do tema

A questão do contacto entre a Língua Portuguesa e as Línguas Bantu ou vice-versa, que origina mudanças no Português a vários níveis, tem merecido uma atenção particular por parte de linguistas moçambicanos e não só.

O presente estudo centra-se nos aspectos de interferência da Língua Fonte na Língua-Alvo, uma análise comparativa entre a Língua Portuguesa (PM) e as Línguas Bantu (Emakhuwa), com incidência sobre os elementos concretos em que a L1 influi com notável impacto no acto comunicativo da L2.³

Ora, consideramos importante estudar as mudanças da Língua Portuguesa em Moçambique a nível do discurso relatado com o intuito de ilustrar os fenómenos linguísticos que decorrem do seu contacto com as Línguas Bantu, mais concretamente do Emakhuwa, um aspecto que se revela pertinente pelo facto de muitos dos estudos desenvolvidos não serem concretamente ilustrativos, limitando-se a referir a uma possível ocorrência de interferência.

Objectivos

Geral

- ✓ Analisar a reprodução do discurso relatado na Língua Portuguesa em Moçambique.

³ De acordo com Lopes (2004: 71), Língua Segunda (L2) é aquela língua que, não sendo língua nativa ou língua materna (L1) do falante, é utilizada como língua oficial e língua franca na sua região ou no país em geral, e que também coexiste com a língua materna e, em certos casos, com outras línguas.

Específicos

- ✓ Apresentar as características do discurso relatado de acordo com a norma europeia;
- ✓ Descrever o uso geral do discurso relatado da LP em Moçambique;
- ✓ Comparar a reprodução do discurso relatado das Línguas Bantu e da Língua Portuguesa.

Hipótese de Investigação

A presente pesquisa não recorre à formulação de hipóteses porque o objectivo não é necessariamente confirmar ou refutar razões previamente estabelecidas. Ela assenta numa perspectiva descritivista dos fenómenos que caracterizam a variedade do Português Moçambicano, decorrentes da interferência das Línguas Maternas⁴. A preocupação não é, portanto, *responder a questões prévias ou testar hipóteses*, mas sim descrever fenómenos concretos do problema, visto que *a investigação qualitativa é descritiva* (cf. Bogdan & Biklen, 1994: 16-48).

Organização da dissertação

Esta dissertação encontra-se organizada em três capítulos que constituem os principais momentos da mesma: o Capítulo I constitui o suporte teórico em que se abordam aspectos estritamente relacionados com o estudo como conceito de discurso, suas dimensões, enunciação e seus elementos, actos ilocutórios e suas tipologias, estruturas de reprodução de enunciações na norma europeia, entre outros; o Capítulo II apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na realização da pesquisa, tais como a abordagem, o objectivo, os métodos, as técnicas e os instrumentos; por fim, o Capítulo III debruça-se sobre a apresentação e a análise dos dados e os resultados do estudo.

⁴Para Santos (2016: 71), Língua Materna (L1) é aquela que é adquirida pela criança em casa, com os pais ou com outros membros da família, ou ainda com pessoas que os substituem.

CAPÍTULO I – ASPECTOS LINGUÍSTICOS CONSTITUTIVOS DA REPRODUÇÃO DO DISCURSO

Este capítulo abarca o suporte teórico do estudo, constituído por quatro partes. A primeira enquadra o estudo ao apresentar um conjunto de definições, para uma visão geral do termo *discurso*; a segunda aborda a norma da estrutura de reprodução de enunciações no Português Europeu; a terceira debruça-se sobre o discurso relatado na variedade moçambicana do Português; e a quarta contextualiza, de forma breve, sobre o panorama linguístico moçambicano, com destaque para as Línguas Bantu e a Língua Portuguesa.

1. Sobre Discurso

No século VIII (a.C.), falar em público, na Grécia Antiga, era considerado uma das mais importantes qualidades de um cidadão, pois ele podia contribuir para a sociedade de maneira mais efectiva com o debate de ideias, que era o pilar formador da sociedade grega.

O termo *discurso* provém do latim *discursus* (particípio passado de *discurrere*, “correr ao redor”, metaforicamente significando “lidar com um assunto por vários pontos de vista”).

Para Dubois, *et al.* (2007: 192), *discurso* é a linguagem posta em acção, a língua assumida pelo falante (como sinónimo de fala); é uma unidade igual ou superior à frase, sendo constituído por uma sequência que forma uma mensagem com um começo, um meio e um fim (sinónimo de enunciado); é todo o enunciado superior à frase, considerado do ponto de vista das regras de encadeamento das sequências de frases.

Foucault (2002) *apud* Fortunato (2003: 28) define o *discurso* como sendo o conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva⁵, sem formar uma unidade retórica ou formal.

⁵ Foucault (2002: 133) refere que a formação discursiva constitui, em sentido estrito, grupos de enunciados, isto é, conjuntos de performances verbais que não estão ligadas entre si, no nível das frases, por laços gramaticais; que não estão ligados entre si, no nível das preposições, por laços lógicos; e nem estão ligados, no nível das formulações, por laços psicológicos (cf. Fortunato, 2003: 28).

A Foucault, ou ainda a Dubois, associa-se Pêcheux (1997: 8) que define o *discurso* como fenómenos linguísticos de dimensão superior à frase que podem efectivamente ser concebidos como um funcionamento não integralmente linguístico.⁶ Este autor evidencia, portanto, o facto de o discurso não constituir uma realização puramente linguística.

Gregolin (1995: 17) afirma que o *discurso* é um objecto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; ou seja, é um suporte abstracto que sustenta os vários textos (concretos) que circulam em uma sociedade. A sua análise está inevitavelmente diante da questão de como ele se relaciona com a situação que o criou; a análise vai procurar colocar em relação o campo da língua (susceptível de ser estudado pela Linguística) e o campo da sociedade (apreendido pela história e pela ideologia).

Gregolin sustenta, como foi anteriormente avançado por Foucault e Pêcheux, que o *discurso* não é apenas um objecto linguístico, mas também histórico; um acto, portanto, quer linguístico quer social.

Para Dijk *apud* Fávero & Koch (1998: 23), o *discurso* é a unidade passível de observação, aquela que se interpreta quando se vê ou se ouve uma enunciação (...). Fávero & Koch sublinham que o termo *discurso* engloba tanto os enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva como as condições de produção.⁷

O *discurso* remete para a utilização da linguagem pelos indivíduos em situações concretas; ou seja, trata-se das práticas e/ou processos de linguagem por oposição ao sistema da língua. Ele constitui a língua em acção e, portanto, o único modo de manifestação do sistema da língua – sistema que resulta de um processo de abstracção (cf. Miranda, 2010: 69).

Segundo Amorim, Sousa & Vilela (2013: 16), o *discurso* é a produção verbal que resulta da interacção comunicativa estabelecida pelos participantes do acto enunciativo num determinado contexto espaço-temporal.

Por seu turno, Matos (2010: 286) considera que o *discurso* é uma *produção verbal* concreta, *única* e *irrepetível* que deriva da *interacção* estabelecida pelos

⁶ Op. cit.:30

⁷ Estes autores afirmam ainda que o *discurso* é manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido estrito). Neste sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão.

participantes do acto enunciativo num determinado contexto espaço-temporal. Ele é entendido como linguagem em uso e como acontecimento social; ou seja, 'é a língua na sua realização como meio de comunicação: a língua usada para fins comunicativos' (Meus itálicos).

1.1. Dimensões do Discurso

O discurso configura-se através de duas dimensões: *dimensão linguística* e *dimensão extralinguística*.⁸

a) Dimensão linguística

O discurso materializa-se através de uma sequência de enunciados, que o locutor actualiza com uma determinada intenção comunicativa, procurando alterar o conhecimento do interlocutor ou modificar os seus comportamentos.

b) Dimensão extralinguística

Parte do princípio de que qualquer discurso remete para a realidade extralinguística, abrangendo não só o *contexto situacional*, como também o *saber compartilhado* e o *universo de referência*.

2. Discurso como acto de enunciação

O interesse no estudo da enunciação não constitui um facto recente, pois é verdade que os seus aspectos linguísticos estão presentes já nas gramáticas gregas e latinas, mas foi realmente Émile Benveniste quem deu o impulso necessário para que se desenvolvessem na Linguística outras reflexões igualmente notáveis sobre o uso da linguagem verbal (cf. Barbisan, 2007: 24).

⁸ De acordo com Amorim, Sousa & Vilela (2013: 16).

Para Benveniste, a enunciação é um processo, um acto pelo qual o locutor mobiliza a língua por sua própria conta. Ou seja, é o acto de apropriação da língua que introduz aquele que fala na sua fala, e o produto desse acto é o enunciado, cujas características linguísticas são determinadas pelas relações que se estabelecem entre o locutor e a língua. A enunciação é, portanto, o facto do locutor, que se apropria da língua, e das características linguísticas dessa relação.

Por sua vez, Ducrot (1980) *apud* Barbisan (2007: 24) concebe a enunciação como sendo o acontecimento, o facto que constitui o aparecimento de um enunciado em determinado momento do tempo e do espaço.

A enunciação converte a língua em discurso pelo emprego que o locutor faz dela; o discurso é a manifestação da enunciação, ou constitui o produto de um acto de enunciação, determinado não só pelas próprias regras de produção linguística, mas também pelo contexto situacional em que é actualizado (Barbisan, 2007); Cardoso (1997); Amorim, Sousa & Vilela (2013).

A enunciação e o discurso representam, portanto, duas noções indissociáveis, na medida em que é através de um acto de enunciação que qualquer conjunto de frases (unidades linguísticas abstractas) se transforma num discurso, proferido por um locutor em tempo e espaço específicos.

2.1. Elementos da enunciação

2.1.1. Expressões deícticas

O acto de enunciação é constituído por expressões deícticas que têm como função remeter para o contexto situacional. Assim, elas assinalam o sujeito que enuncia (locutor), o sujeito a quem se dirige (interlocutor), o tempo e o espaço da enunciação; ou seja, permitem inscrever no enunciado as marcas da sua enunciação, que é única e irrepetível (cf. Amorim, Sousa & Vilela, 2013). De acordo com os elementos específicos da enunciação, as expressões deícticas inserem-se em quatro classes apresentadas no quadro.

Quadro 1: Tipologia da deixis

Tipologia	Função	Elementos	Exemplos ⁹
Deixis pessoal	Indica as pessoas do discurso, permitindo seleccionar os participantes na interacção comunicativa.	Pronomes pessoais (ex.: eu, tu, me, nós, etc.) Determinantes e pronomes possessivos (ex.: meu, o vosso, teu, etc.) Sufixos flexionais de pessoa-número (perdoas, perdoamos)	Eu tinha-me encostado à parede, e sentia invadir-me uma tristeza, profunda e insondável como a noite. Pensas muito depressa./A guerra assim nos ensina, Ualalapi.
Deixis espacial	Assinala os elementos espaciais, tendo como referência o lugar em que decorre a enunciação.	Determinantes e pronomes demonstrativos (ex.: este, essa, aquilo, etc.) Verbos de movimento (ex.: ir, partir, chegar, aproximar-se, afastar-se, entrar, sair, subir, desce, etc.)	Aquele é o major?/Por que não disse logo? Saiu para a rua, a aglomeração de curiosos abriu-lhe passagem. Pedrito Gordo piscou para a menina do café em frente, entrou no automóvel, partiu em disparada – diziam-no o melhor volante da Bahia.
Deixis temporal	Localiza, no tempo, factos, tomando como ponto de referência o tempo da enunciação.	Advérbios e locuções adverbiais ou expressões de tempo e (ex.: amanhã, ontem, na semana passada, no dia seguinte) Sufixos flexionais de tempo-modo-aspecto (vencerei, vancereis, etc.)	Amanhã vem visitar-nos o Dr. Valdez e eu vou queixar-me de ti, minha irmã! Vou dizer-lhe como te comportas! Pergunta a Maguiguane./Nunca falarei com esse vassalo nguni./ Nem ele contigo, Xipenanyane./ Mas deixemos isso./É preciso reunir os guerreiros.
Deixis social	Assinala a relação hierárquica existente entre os participantes da interacção discursiva e os papéis por eles assumidos.	Formas de tratamento (ex.: o senhor, vossa excelência, senhor director, etc.)	O Senhor lembre-se de com quem está a falar! Senhor Doutor , só tenho a dizer bem! Agora que temos uma Directiva muito óptima, isto vai voltar a estar num brinquinho!

Fonte: Adaptado de Amorim, Sousa & Vilela (2013)

3. Actos de fala

Os objectivos comunicativos presentes no uso da linguagem verbal regulam um nível de significação distinto do nível semântico de interpretação proposicional dos

⁹ Extraídos de Eça de Queirós (2004), Jorge Amado (1969), João Paulo Borges Coelho (2010), Ungulani Ba Ka Khosa (2008), Mateus et al (2003).

enunciados(Mateus, *et al.* 2003: 73).Ao enunciado, produto do acto de enunciação, na linguagem verbal, associam-se os actos de fala:

(...) um comportamento verbal, governado por regras que asseguram que as intenções comunicativas venham a ser adequadamente interpretadas, pois faz parte da competência comunicativa de qualquer falante distinguir uma ordem de um pedido, uma intenção de um compromisso, uma asserção de uma representação de um estado emocional (Ibidem).

Os actos de fala decorrem da produção de enunciado a partir do qual se realizam simultaneamente três acções descritas no quadro.

Quadro 2: Classificação dos actos de fala

Classificação	Função	Elementos
Acto locutório	corresponde à enunciação de palavras ou frases que veiculam uma determinada mensagem.	
Acto ilocutório	ao proferir um enunciado, o locutor realiza uma acção.	prometer, pedir, aconselhar, ordenar, pedir, etc.
Acto perlocutório	é o resultado ou efeito provocado no interlocutor por um determinado acto ilocutório.	convencer, persuadir, intimidar, ameaçar, etc.

Fonte: Adaptado de Amorim, Sousa & Vilela (2013)

3.1. Actos ilocutórios

A taxonomia dos actos ilocutórios, constituída por seis principais categorias, foi elaborada pelo filósofo da linguagem John Searle e adaptada por Carlos A. M. Gouveia.¹⁰

- **Acto ilocutório assertivo**

O acto ilocutório assertivo tem como objectivo relacionar o locutor com o valor de verdade do conteúdo proposicional do enunciado (o locutor acredita que o que diz é

¹⁰ Vejam-se os pormenores e exemplos em Mateus, *et al.* (2003) e Amorim, Sousa & Vilela (2013).

verdade, exprime certeza). A asserção traduz, ao nível das palavras, da posição que o locutor tem em relação ao universo em referência.

Considerem-se os exemplos:

- a) Confesso que não percebo essa matéria.
- b) Estás com febre.

▪ **Acto ilocutório directivo**

O acto ilocutório directivo tem como objectivo levar o alocutário a realizar futuramente uma acção verbal ou não verbal reflectindo o reconhecimento do conteúdo proposicional do enunciado proferido pelo locutor (a acção traduz-se em sugestões, perguntas, ordens, avisos, pedidos, etc.). O conteúdo proposicional de qualquer acto directivo não é susceptível de ser interpretado como verdadeiro ou falso, visto que ele depende das condições que regulam o seu reconhecimento por parte do alocutário.

Considerem-se os exemplos:

- a) Aconselho-te a conduzir mais devagar.
- b) O que pensas deste filme?

▪ **Acto ilocutório compromissivo**

O acto ilocutório compromissivo tem como objectivo comprometer o locutor no desenrolar futuro de uma acção expressa no conteúdo proposicional do enunciado (exprime um compromisso futuro). O conteúdo proposicional de um acto compromissivo não é susceptível de atribuição de valores de verdade, uma vez que o conteúdo proposicional só encontra referência num espaço de tempo posterior ao da enunciação.

Considerem-se os exemplos:

- a) Juro dizer a verdade.
- b) Vou vê-la assim que puder.

- **Acto ilocutório expressivo**

O acto ilocutório expressivo tem como objectivo exprimir o estado psicológico do locutor em relação ao estado de coisas especificado no conteúdo proposicional, o qual conta necessariamente com uma qualquer propriedade relacionada tanto com o locutor como com o alocutário, propriedade essa que é reconhecida por ambos.

Considerem-se os exemplos:

- a) Deploro as tuas atitudes machistas.
- b) Bom dia!

- **Acto ilocutório declarativo**

O acto ilocutório declarativo tem como objectivo fazer com que o estado de coisas em referência coincida com o conteúdo proposicional, o que resulta da relação social que o locutor mantém com os seus alocutários, os quais lhe reconhecem estatuto para a criação do universo em referência (existem ainda casos de enunciados em que é possível reconhecer objectivos declarativos indirectamente expressos).

Considerem-se os exemplos:

- a) Declaro-vos marido e mulher.
- b) A sessão está aberta.

- **Acto ilocutório indirecto**

No acto ilocutório indirecto, o locutor transmite no seu enunciado mais do que aquilo que realmente diz, ou transmite algo diferente.

Considerem-se os exemplos:

- a) Sabe onde fica o Centro de Congressos? (portanto, diga-me onde fica o Centro de Congressos em vez de sim, sei ou não sei).
- b) Vamos começar a aula? (devemos começar a aula em vez de sim, podemos ou não podemos).

Conforme ilustra a tabela seguinte, cada um dos actos ilocutórios (salvo o acto ilocutório indirecto) utiliza determinados verbos de acordo com o objectivo ilocutório¹¹.

Quadro 3: Distribuição de verbos ilocutórios

Tipologia	Objectivo ilocutório	Verbo ilocutório
Acto ilocutório Assertivo	relacionar o locutor com a verdade da proposição expressa no enunciado	admitir, afirmar, asserir, concordar., constatar, descrever, discordar, informar, negar, responder, etc.
Acto ilocutório Directivo	levar o interlocutor a praticar uma acção, verbal ou não verbal.	aconselhar, atrever-se, avisar, convidar, desafiar, esperar, implorar, mandar, ordenar, pedir, perguntar, permitir, proibir, querer, sugerir, suplicar, etc.
Acto ilocutório compromissivo	comprometer o locutor relativamente à realização de uma acção futura.	afiançar, assegurar, comprometer-se com, garantir, jurar, prometer, responsabilizar-se por, tencionar, etc.
Acto ilocutório Expressivo	expressar o estado psicológico acerca do estado de coisas indicado no conteúdo proposicional	adorar, agradecer, congratular-se, dar boas-vindas/pêsames/parabéns, detestar, felicitar, gostar, lamentar, odiar, pedir desculpa, etc.
Acto ilocutório Declarativo	criar um novo estado de coisas que coincida com o conteúdo proposicional.	declarar, nomear, despedir, baptizar, excomungar, etc.

Fonte: Adaptado de Amorim, Sousa & Vilela (2013)

4. Marcadores Discursivos

De acordo com Charaudeau & Maingueneau (2004) *apud* Santos (2016: 44-45), os Marcadores Discursivos (MD's), também designados por marcadores conversacionais, conectores argumentativos, organizadores textuais, são de difícil conceituação, porquanto qualquer item lexical pode desempenhar a função de marcador, desde que como tal seja usado. Por esta razão, o autor apresenta um conjunto de definições em que se destacam as seguintes:

(...) organizadores da interacção, articuladores do texto e indicadores da força ilocutória, constituindo, por isso, elementos linguísticos multifuncionais (Marcuschi, 1989; Urbano, 2001; Charaudeau e Maingueneau, 2004); expressões lexicais que provêm das classes sintácticas das conjunções, advérbios e sintagmas preposicionados (Fraser, 1999);

¹¹ Como ilustram alguns exemplos, nem todo o acto ilocutório se realiza através de verbos ilocutórios, mas também através de frases cujo objectivo comunicativo remete a um determinado acto ilocutório.

unidades linguísticas invariáveis, que não exercem uma função sintáctica na oração que preenchem (Vilela, 1999; Gili Gaya, 1987; Martin Zorraquino e Portolés Lázaro, 1999).

Por seu turno, Amorim, Sousa e Vilela (2013: 75) afirmam que os marcadores discursivos englobam vários elementos linguísticos que não desempenham qualquer função ao nível da frase, mas permitem estabelecer conexões entre enunciados, de modo a construir um discurso coeso e coerente, permitindo ordenar a informação, reformular o enunciado, reforçar/concretizar ideias ou gerir a relação interlocutiva.¹²

Estas definições apresentam aspectos comuns como *elementos linguísticos/classes sintácticas/unidades linguísticas/unidade de estruturação da linguagem/elementos linguísticos* que partilham, de certo modo, uma relação semântica.

4.1. Classe dos Marcadores Discursivos

Maria Antónia Martín Zorraquino & José Portolés Lázaro classificam os MD's tendo em conta a sua função discursiva, distribuindo as suas propriedades semânticas por cinco grupos: estruturadores da informação, conectores, reformuladores, operadores argumentativos e marcadores conversacionais.¹³ O quadro abaixo apresenta principais marcadores discursivos.

Quadro 4: Distribuição de Principais Marcadores Discursivos

Tipologia	Funções específicas	Exemplos
Conectores	aditivos, consecutivos e contra-argumentativo	<i>mas, embora, no entanto, apesar de, etc.</i>
Reformuladores	explicativos, rectificativos, distanciadores, recapitulativos	<i>porque, por isso, consequentemente, deste modo, etc.</i>
Marcadores conversacionais	epistémicos, da evidência ou da orientação da fonte, e deônticos, focalizadores de alteridade e metadiscursivos conversacionais	<i>com efeito, claro, com certeza, naturalmente, sem dúvida, etc.</i>
Operadores	de reforço e precisão	<i>no fundo, por exemplo, na</i>

¹² Estes autores referem que integram o conjunto dos marcadores discursivos os conectores, que englobam elementos linguísticos pertencentes a diferentes classes de palavras (conjunções, advérbios ou interjeições).

¹³ Op. cit.: 45.

argumentativos		<i>realidade, de facto, por acaso, etc.</i>
Estruturadores da informação	ordenadores de abertura, de continuidade e de fechamento, digressores, comentadores	<i>por um lado... por outro; por uma parte... por outra; de um lado... de outro, depois, logo, enfim, finalmente, etc.</i>

Fonte: Adaptado de Santos (2016)

5. Princípio da cooperação na interacção discursiva

A comunicação verbal é, por natureza, um acto social através do qual os falantes interagem linguisticamente de modo coerente. O princípio da cooperação¹⁴, que consiste nos esforços conjuntos desenvolvidos pelos intervenientes (locutor/interlocutor) no sentido de a comunicação seguir o mesmo objectivo, contribui de certa forma para a eficácia do acto comunicativo.

5.1. Máximas conversacionais

O princípio da cooperação é constituído por um conjunto de máximas que regulam o comportamento discursivo dos falantes. Faz parte da competência conversacional de qualquer falante ser capaz de conduzir de forma eficaz a interacção discursiva, aplicando correctamente estas máximas. Portanto, para que uma interacção verbal seja bem-sucedida, é fundamental respeitar quatro regras essenciais: a máxima da quantidade, a máxima da qualidade, a máxima da relevância.

a) Máxima da quantidade

A máxima da quantidade requer que qualquer contribuição numa conversa não seja nem mais nem menos informativa do que o exigido pelos objectivos dessa conversa. Assim, o enunciado redundante ou repetitivo, viola esta máxima, uma vez que não acrescenta informação nova à conversa.

Considere-se o exemplo:

¹⁴ O princípio da cooperação foi apresentado e desenvolvido pelo filósofo da linguagem Paul Grice.

a) Loc.: Que telemóveis estão à venda?

Interl.: Telemóveis novos.

b) Máxima da qualidade

A máxima da qualidade exige que qualquer contribuição numa conversa seja, tanto quanto possível, verdadeira. Deste modo, o falante não deve afirmar aquilo que acredita ser falso, nem afirmar aquilo que desconhece.

Considere-se o exemplo:

a) Loc.: O Pedro é quem andou gritando com o telefonema durante a noite.

Interl.: Mas ele saiu daqui à tarde e dormiu fora.

c) Máxima da relevância

A máxima da relevância exige que a contribuição discursiva tenha a ver com o objectivo da conversa.

Considere-se o exemplo:

a) Loc.: Quando chegar a casa, telefona.

Interl.: O meu cão desapareceu, mas volta.

d) Máxima de modo

A máxima de modo requer que qualquer contribuição conversacional seja ordenada, clara e breve.

Considere-se o exemplo:

a) Loc.: O que foi que fizeste pela manhã?

Interl.: Fui ao mercado e saí de casa.

Os exemplos acima apresentados violam as máximas conversacionais porque o interlocutor não acrescenta informação nova à conversa (Máxima da quantidade); o

locutor falta à verdade no que afirma de acordo com a reacção do interlocutor (Máxima da quantidade); a contribuição discursiva do interlocutor contraria o objectivo da conversa (Máxima da relevância); a contribuição do interlocutor não é ordenada (Máxima de modo).

Confronte-se no quadro uma das versões de exemplos em que os falantes conduziram eficazmente a interacção discursiva, na aplicação correcta das máximas conversacionais.

Quadro 5: Casos de aplicação correcta de máximas conversacionais.

Máxima conversacional	Exemplos
Máxima da quantidade	Loc.: Que telemóveis estão à venda? Interl.: Smart Kicka ve.
Máxima da qualidade	Loc.: O Pedro é quem andou gritando com o telefonema durante a noite. Interl.: Inconfundivelmente, aquela voz grossa era dele.
Máxima da relevância	Loc.: Quando chegar a casa, telefona. Interl.: Tudo bem./Está combinado.
Máxima de modo	Loc.: O que foi que fizeste pela manhã? Interl.: Saí de casa e fui ao mercado.

Nestes exemplos, as máximas conversacionais foram correctamente aplicadas porque o interlocutor acrescenta informação nova à conversa (Máxima da quantidade); o locutor não falta à verdade no que afirma de acordo com a reacção do interlocutor (Máxima da qualidade); a contribuição discursiva do interlocutor não contraria o objectivo da conversa (Máxima da relevância); a contribuição do interlocutor é ordenada (Máxima de modo).

6. Estruturas de reprodução de enunciações na norma europeia

Existem quatro principais estruturas de reprodução de enunciações ou modalidades de reprodução de discurso, a saber: discurso directo, discurso indirecto, discurso directo livre e discurso indirecto livre.

6.1. Discurso Directo

Para Amorim, Sousa & Vilela (2013: 63), o *Discurso Directo*, também designado por *discurso citado*, é “o modo de enunciação que reproduz o discurso de locutor ocorrido em situações enunciativas anteriores, tal como foi dito ou pensado.” Ou seja, o discurso directo consiste na reprodução ou citação do discurso de forma directa, isto é, o locutor-relator apresenta directamente as palavras do locutor.

a) Características

O discurso directo é geralmente introduzido por verbos de tipo declarativo, tais como *dizer, perguntar, afirmar, contar, responder, saber, pedir, explicar, sugerir, etc.*, podendo ocorrer no início, no meio e no fim da fala, em frases declarativas, interrogativas e imperativas. (cf. Amorim, Sousa & Vilela, 2013; Gonçalves *et al.*, 1986).

Na oralidade, o DD pode ser assinalado pelo locutor que relata, através da entoação, gestos ou expressões faciais; ao passo que, na escrita, recorre a formatos gráficos (como aspas, dois pontos, travessões, itálicos) que permitem identificar um novo enunciado de um locutor no discurso (op. cit.: 64).

Sendo um discurso de 1ª ou 2ª pessoa, o DD mantém todas as formas deícticas do discurso original associadas ao locutor e interlocutor da primeira enunciação (*eu, tu*), assim como ao momento e ao lugar em que o discurso foi proferido (*agora, aqui*). Podem igualmente ser mantidas características do discurso oral, como interjeições, frases de tipo exclamativo, interrogativo e imperativo, vocativos, estruturas enfáticas (ibidem).

Considerem-se os seguintes exemplos desta estrutura de enunciação com algumas características já referidas:¹⁵

a) – *Mas onde ficou a xicandarinha? – Perguntou o Carlitos.*

(Calane da Silva, *Xicandarinha*)

¹⁵ Os itálicos utilizados nos exemplos não são características do DD dos textos originais, são nossos como forma de citação.

b) *Fora de mim, a voz de Chupanga insistia: – Está a ser chamado por Sua Excelência.*

(Mia Couto, *O Último Voo do Flamingo*)

c) *– Pesa-me um quilo de laranjas – pediu a Vera.*

(Camara & Leite, *Gramática Activa 2*)

d) *O João apontou para terra e gritou: – É ali Maputo! Já vejo o lixo.*

(Mia Couto, *O país do queixa andar*)

e) *Sianga oferece um sorriso sardónico e justifica: – Estou no mesmo lugar a observar a decadência do mundo, o desnudar da terra quando as folhas amarelecem gradualmente até ao dourado e, já enegrecidas, se desprendem dos ramos.*

(Paulina Chiziane, *Ventos do Apocalipse*)

f) *Quando, por fim, chegaram à margem do Mussengueze, o fatigado Lázaro ordenou: - Agora, compadre: meta as mãos na água!*

(Mia Couto, *O Outro pé da Sereia*)

g) *– Rica vida – suspirei eu – amanhã recomeço as aulas. Vocês estudam?*

(Dias et al, *Gramática escolar - Língua Portuguesa*)

h) *Graça ergueu a mão direita: Ah! Bem me queria parecer! Bem me queria parecer! Tens a mania de te meter nas bibliotecas e nos museus dias a fios...”*

(José Rodrigues dos Santos, *A Fórmula de Deus*)

Note-se, nestes exemplos, que no DD o enunciado original produzido pelo locutor é geralmente marcado por formatos gráficos, como o travessão e dois pontos e empregam-se verbos declarativos que podem ocorrer em diferentes momentos da fala (no início, no meio e no fim).

6.2. Discurso Directo Livre

O *Discurso Directo Livre* é um relato ou uma citação cujas palavras ou pensamentos de uma personagem são reproduzidos como que imersos no discurso do narrador [...].”¹⁶ Doutra forma, o narrador reproduz no seu discurso as falas ou os pensamentos da personagem como se seus fossem.

a) Características

A estrutura de enunciação do DDL não recorre a marcas formais (como mudança de parágrafo, uso de aspas ou de travessões, verbos introdutórios ou pronomes e nomes que remetam para uma personagem); mantém as marcas próprias do discurso directo, no que se refere a pessoas, tempos e modos verbais, pronomes ou advérbios (cf. Amorim, Sousa & Vilela, 2013).

Vejam-se os casos da estrutura do discurso directo livre com as características distintas.

- a) Mas... quem sabe? E também por que não acreditar? Por que não acreditar em qualquer coisa de giro? *Como, por exemplo, que a formação dos miúdos fosse diferente da minha e que lhes conferisse uma condescendência que as minhas coordenadas emocionais não comportavam... e que talvez, eu sei lá, que talvez para com eles o tempo obrigasse a mais compreensão, mais carinho, sim, a mais humanidade...* Porque talvez a velhota tivesse razão, há o tempo, o tempo...”

(Luís Bernardo Honwana, *Nós Matámos o Cão-Tinhoso*)

- b) *Apesar de tudo não pode dizer-se que aquele jantar seguisse inteiramente as regras, pelo menos aquelas a que, enquanto soldado, me habituara. É difícil explicar, mas não havia nele, por assim dizer, a tradicional verticalidade da hierarquia, em que o kommandant discute com os restantes generais, estes com os seus majores e capitães, e por aí abaixo até que as ordens,*

¹⁶ Cf. Matos (2010: 286).

transformadas em acção, acabem por se esfumar (quando muito delas fica apenas um registo escrito, ou então uma memória).

(João Paulo Borges Coelho, *O Olho de Hertzog*)

Os fragmentos destacados em itálicos nos excertos, com alguns traços típicos do discurso directo, constituem o pensamento da personagem dentro do discurso do narrador. As palavras das personagens são, portanto, apresentadas no discurso do narrador em que as marcas tradicionais do DD, como os formatos gráficos e os verbos introdutores, são eliminadas.

6.3. Discurso Indirecto

No *Discurso Indirecto*, também conhecido por *discurso relatado*, o locutor apropria-se de um discurso proferido anteriormente para o reproduzir à sua maneira, efectuando, em diferentes graus, reformulações, clarificações ou resumos (op. cit.: 66). O discurso indirecto consiste, portanto, na reprodução ou citação do discurso de forma indirecta, isto é, o locutor-relator incorpora as suas próprias palavras e frases no discurso, através de diversas transformações textuais (cf. *Prontuário da língua portuguesa*, 2005: 131).

a) Características

Com a apropriação do discurso são eliminadas as marcas da enunciação (Eu/Tu) e é utilizada a 3ª pessoa. Todas as formas de discurso directo de 1ª ou de 2ª pessoa se apresentam em 3ª pessoa, dá-se ao esvaecimento das realidades concretas de tempo e lugar a que as pessoas e coisas referidas estariam vinculadas (cf. Amorim, Sousa & Vilela, 2013); (Cunha e Cintra, 2005).

O discurso relatado é apresentado sob a forma de orações subordinadas substantivas completivas ou orações não finitas infinitivas.

À semelhança do discurso directo, o DI também é introduzido por verbos declarativos. O espaço de enunciação é sempre o do locutor-relator, não se mantendo no discurso reproduzido a forma do discurso original. O discurso indirecto não pode

representar aspectos importantes da subjectividade que se exprimem no DD (como interjeições, apóstrofes, reticências, etc.).

O discurso relatado resulta da transposição do discurso citado, implicando, portanto, algumas alterações. Vejam-se, no quadro, os exemplos das estruturas do DI em relação às da contraparte do DD.

Quadro 6: Alterações decorrentes da transposição das estruturas do DD para DI

Ord	Estruturas do Discurso Directo	Estruturas do Discurso Indirecto
a)	<i>Mas onde ficou a xicandarinha? – Perguntou o Carlitos.</i>	Carlitos perguntou onde tinha ficado a xicandarinha.
b)	<i>Fora de mim, a voz de Chupanga insistia: Está a ser chamado por Sua Excelência?</i>	Fora de mim, a voz de Chupanga insistia perguntando se estava a ser chamado por Sua Excelência.
c)	<i>– Pesa-me um quilo de laranjas – pediu a Vera</i>	A Vera pediu à vendedora que lhe pesasse um quilo de laranjas.
d)	<i>O João apontou para terra e gritou: – É ali Maputo! Já vejo o lixo.</i>	O João apontou para terra e gritou afirmando que era ali Maputo e que já via o lixo.
e)	<i>Sianga oferece um sorriso sardónico e justifica: – Estou no mesmo lugar a observar a decadência do mundo, o desnudar da terra quando as folhas amarelecem gradualmente até ao dourado e, já enegrecidas, se desprendem dos ramos.</i>	Sianga oferece um sorriso sardónico e justifica dizendo estava no mesmo lugar a observar a decadência do mundo, o desnudar da terra quando as folhas amareleciam gradualmente até ao dourado e, já enegrecidas, se desprendiam dos ramos
f)	<i>Quando, por fim, chegaram à margem do Mussengueze, o fatigado Lázaro ordenou: - Agora, compadre: meta as mãos na água!</i>	Quando, por fim, chegaram à margem do Mussengueze, o fatigado Lázaro ordenou que naquele momento, o compadre metesse as mãos na água.
g)	<i>– Rica vida – suspirei eu – amanhã recomeço as aulas. Vocês estudam?</i>	Ele declarou que no dia seguinte recomeçava as aulas e perguntou se eles estudavam.
h)	<i>Graça ergueu a mão direita: Ah! Bem me queria parecer! Bem me queria parecer! Tens a mania de te meter nas bibliotecas e nos museus dias a fio...”</i>	Graça ergueu a mão direita afirmando que ele tinha a mania de se meter nas bibliotecas e nos museus dias a fio...

Se confrontados os exemplos no quadro, pode-se observar que a estrutura do discurso indirecto sofre alterações assinaláveis em relação à contraparte ao nível das pessoas gramaticais, tempos ou modos verbais, pronomes pessoais, possessivos ou

demonstrativos, advérbios ou expressões de tempo; algumas expressões do discurso oral que foram mantidas no discurso directo desapareceram no discurso indirecto.

6.4. Discurso Indirecto Livre

Para Cunha & Cintra (2005: 635), *Discurso Indirecto Livre* é uma forma de expressão que, em vez de apresentar a personagem em sua voz própria (discurso directo), ou de informar objectivamente o leitor sobre o que ele teria dito (discurso indirecto), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.

Por outras palavras, o DIL é uma forma de relato de discurso em que se sobrepõem duas situações de enunciação: a da personagem e a do narrador. Ou seja, a enunciação do emissor-relator funde-se com a enunciação do primeiro emissor, sendo difícil delimitar a fronteira entre um e outro (cf. Matos, 2005: 287).

a) Características

O discurso indirecto livre mantém as características próprias do DI ao nível das pessoas gramaticais, tempos e modos verbais, pronomes ou advérbios;

Possui as marcas do discurso oral, também presentes no discurso directo (como exclamações, interjeições, marcadores discursivos, adjectivação valorativa, nomes qualitativos, expressões modalizadoras, etc.);

Desaparecem o verbo introdutor e a conjunção subordinativa/complementador da oração, não havendo subordinação.

Os excertos abaixo são alguns casos das estruturas de discurso indirecto livre.

- a) Sá Caetana abanava a cabeça e pormenorizava, procurando avivar-lhe a memória. Mas tanto abanou a cabeça que acabou por desistir. Era evidente que à irmã não faziam falta notícias tão directas.

(João Paulo Borges Coelho, *As visitas do Dr. Valdez*)

- c) Os grandes do reino entreolhavam-se, receosos, pois não sabiam, como diz o vulgo, quem teria agarrado o búfalo pelos chifres, e à medida que o rei

cavava a imbonga até chegar ao mel, os maiores do reino descontraíam-se, esticavam os pés, relaxavam os membros, e seguiam com mais atenção as palavras que desciam as escadas do reino e esbatiam-se no vulgo, nesses homens sem e préstimo.

(Ungulani Ba Ka Khosa, *Ualalapi*)

Tal como se pode constatar nos excertos, o DIL apresenta-se como uma estrutura de fusão entre o discurso directo e o discurso indirecto e possui características destes. Todavia, algumas marcas do DD e DI desaparecem no discurso indirecto livre e no enunciado sobrepõem-se duas vozes, a da personagem e a do narrador que parecem, por conseguinte, falar numa só voz; por estas razões, tanto as marcas das estruturas do discurso directo e discurso indirecto quanto as vozes da personagem e do narrador não são tão facilmente identificáveis no discurso indirecto livre.

6.5. Particularidade do DDL/DIL

Os discursos directo livre e indirecto livre são um modo de relato de discurso frequente na literatura actual, permitindo criar novos efeitos estéticos pelas possibilidades de maior liberdade narrativa que oferece, já que permitem ao narrador integrar no seu discurso (discurso directo) as manifestações verbais das suas personagens (discurso indirecto), sem o recurso constante aos verbos introdutórios e à oração subordinada completiva.¹⁷

7. Algumas características do Português de Moçambique

A Língua Portuguesa em Moçambique encontra-se em processo de variação a todos os níveis, relacionado com determinados factores como os de dimensão social

¹⁷ Op. cit.: 65-69.

(históricos, socioculturais, contacto linguístico, políticas linguísticas nacionais, profissão e educação, contexto).¹⁸

Gonçalves (1997) afirma que os estudos sobre o Português de Moçambique têm uma história recente argumentando que:

Na época colonial, para além da tese de licenciatura de PENICELA 67 e do lançamento do projecto de gravação de um *corpus* oral, designado “Recolha do Português Fundamental” (Universidade de Lourenço Marques, 1973), pouco mais há a assinalar. Após a independência do país, registam-se iniciativas dispersas em que não se alcançam, em geral, os objectivos pretendidos. A partir de meados dos anos 80, entretanto, começam a surgir uma série de trabalhos sobre a língua portuguesa (Gonçalves, 1997: 48).

O Português de Moçambique configura-se como uma variedade em formação que vai assumindo características próprias que as distinguem do PE. Esta variedade é o “uso geral da língua (falado por diferentes camadas sociais como adultos instruídos, adolescentes, professores, classe média, residentes de uma certa área)” que, por diversas razões, diverge da “variedade padrão” podendo impor-se como norma, já que “as normas mudam ao longo do tempo sob pressão do uso geral” (op. cit.).

A variação à norma no Português de Moçambique incide sobre elementos de determinados níveis como “propriedades do léxico e aspectos da morfossintaxe”.¹⁹ O léxico sofre um conjunto de alterações nas quais:

por um lado, está a criação de novas palavras, resultantes de empréstimos (às Línguas Bantu/L1 dos falantes na maioria), ou devidas à produtividade lexical (actuando sobre bases-empréstimo ou sobre palavras já existentes no Português europeu (PE). Por outro lado, está o uso de palavras já pertencentes ao léxico do PE, às quais são atribuídos novos valores semânticos ou diferentes propriedades de selecção, sintácticas ou semânticas (ibidem).

¹⁸ Cf. Stroud (1997: 19-25)

¹⁹ Vejam-se mais detalhes em Perpétua (PPOM – I (capítulo 1) e II (capítulo 2) e Fichas de Erro em Anexos Gerais).

Em relação aos aspectos da morfossintaxe, “podem destacar-se fenómenos relacionados com (a) uso da morfologia flexional do imperativo e do infinitivo, (b) uso, colocação e flexão dos pronomes pessoais clíticos, (c) encaixe de orações subordinadas, e (d) processo de avanço de complementos do verbo para a posição de sujeito” (Gonçalves, 1997: 52).

Os aspectos que caracterizam as estruturas de reprodução das enunciações no PM, com particular destaque para o discurso relatado, inserem-se no contexto da variação da língua podendo ser motivada pela transferência linguística²⁰, resultante do contacto de línguas (a sintaxe do PM tende a se basear na transferência²¹ das estruturas de línguas bantu como L1 de que os falantes já possuem um nível considerável de consolidação) que sobressai como um dos factores da variação do Português em Moçambique.

De salientar que a variação do Português em Moçambique decorre da insegurança no uso das regras estabelecidas pela norma do Português Europeu como, portanto, resultado da “relação que os falantes mantêm com as suas línguas maternas [...]” (Stroud & Gonçalves, 1997: 3), já que a língua portuguesa em Moçambique é língua segunda e a sua aprendizagem é, sobretudo, oferecida pela escola onde “as condições [...] estão longe de proporcionar aos aprendentes para os quais é tipicamente uma L2, uma competência comunicativa satisfatória” (ibidem).

7.1. Complementador *que/se* na construção do discurso relatado

Na variedade do PM, a presença do complementador *que/se*, no que diz respeito à transposição do discurso citado para o discurso relatado, não desencadeia qualquer tipo de alteração morfológica – a nível da flexão do verbo em pessoa ou tempo – ou da substituição dos elementos deíticos presentes nas frases do discurso citado, como é requerido na norma europeia (cf. Gonçalves, 2001: 984).

²⁰ Este fenómeno não deve ser sempre encarado na sua vertente negativa, pois “a transferência em si mesma pode certamente resultar também em estruturas correctas na língua-alvo, isto é, quando as duas línguas são construídas de forma idêntica, num determinado aspecto” (Stroud, 1997: 14).

Considerem-se os exemplos abaixo, extraídos de Gonçalves (1998) e Gonçalves & Maciel (1998).

- a) Respondeu que eu não vou sofrer.
- b) Chegou a dizer que não tens vergonha.
- c) Perguntou que lhes conhecia o nome dela.
- d) A população disse que vamos queimar este ladrão.

Nestes exemplos, constata-se que, no Português de Moçambique, o recurso ao complementador *que/se*, entre vários aspectos, não desencadeia a mudança necessária, como é requerido na norma europeia.

8. Breve panorama linguístico de Moçambique

Moçambique é, tal como um pouco por todo o continente africano, um país de diversidade etnolingüística, caracterizada pela coexistência de línguas e culturas de diferentes origens, nomeadamente, o Português, língua oficial, as línguas asiáticas (o Gujarate, Memane, Hindi e Urdu)²² e as línguas autóctones do grupo bantu, pertencentes ao grupo de línguas Níger-Congo. As Línguas do grupo Bantu continuam a constituir o principal substracto linguístico de Moçambique por serem línguas maternas de mais de 80% de cidadãos de cinco anos de idade ou mais; quinze milhões de moçambicanos de cinco ou mais anos de idade, 10.8% falam Português como língua materna e 0,23% falam línguas estrangeiras não especificadas (cf. Ngunga & Bavo, 2011: 1), tal como ilustra a tabela.

Tabela 1: Distribuição de línguas faladas por população

Nº	Língua	Falantes	%	Província onde se fala
1	Makhuwa	4.097.788	26.1	C. Delgado, Nampula, Niassa, Sofala, Zambézia
2	Português	1.693.024	10.8	Todas as províncias do País
3	Changana	1.660.319	10.5	Gaza, Maputo, Maputo Cidade, Inhambane, Niassa
4	Sena	1.218.337	7.8	Manica, Sofala, Tete, Zambézia
5	Lomwe	1.136.073	7.2	Nampula, Niassa, Zambézia
6	Nyanja	903.857	5.8	Niassa, Tete, Zambézia
7	Chuwabu	716.169	4.8	Nampula, Sofala, Zambézia

²²Cf. Lopes (2004: 18)

8	Ndau	702.464	4.5	Manica, Sofala
9	Tshwa	693.386	4.4	Gaza, Inhambane, Maputo, Sofala
10	Nyungwe	457.292	2.9	Manica, Tete
11	Yaawo	341.796	2.2	Cabo Delgado, Niassa
12	Copi	303.740	1.9	Gaza, Inhambane, Maputo, Cidade de Maputo
13	Makonde	268.910	1.7	Cabo Delgado
14	Tewe	259.790	1.7	Manica
15	Rhonga	235.829	1.5	Gaza, Maputo, Maputo Cidade, Inhambane
16	Tonga	227.256	1.5	Gaza, Inhambane, Maputo, Cidade de Maputo
17	Manyika	133.961	0.9	Manica
18	Cibalke	112.852	0.7	Manica
19	Mwani	77.915	0.5	Cabo Delgado
20	Koti	60.771	0.4	Nampula
21	Shona	35.878	0.2	Tete
22	Swahili	15.255	0.1	Cabo Delgado
23	L. dos Sinais	7.503	0.05	Todas as províncias
	Outras LMs	310.259	2.0	Todas as províncias

Fonte: Ngunga & Bavo (2011)

Conforme indica a tabela, as Línguas Bantu constituem as principais línguas faladas pela maioria dos moçambicanos como Língua Materna relativamente ao Português, Língua Segunda, falada por uma minoria, sobretudo, das zonas urbanas onde a oferta do ensino e a utilização desta/nesta língua é significativa.

8.1. As Línguas do grupo Bantu em Moçambique

Os estudos relativos às Línguas Bantu em Moçambique ainda revelam algum paradoxo. Ngunga (2014: 34) refere, numa forma geral, que a situação sociolinguística da África pré-colonial continua praticamente uma grande incógnita e avança que foi a aplicação do método comparativo ao estudo das línguas africanas que permitiu que os cientistas descobrissem algumas características comuns entre as línguas de um grupo a que mais tarde se chamou 'bantu'.²³

Na classificação de Guthrie, versão actualizada (Maho, 2009), as Línguas Bantu de Moçambique distribuem-se por quatro (4) zonas diferentes, a saber: G, P, N e S (de

²³ Este autor considera que, actualmente, o termo 'bantu' é usado nos estudos da linguística moderna para se referir a um grupo de cerca de 600 línguas faladas por mais de 220 milhões de pessoas numa vasta região da África contemporânea que se estende a sul de uma linha que vai desde os Montes Camarões (a sul da Nigéria), junto à costa atlântica, até à foz do Rio Tana (no Quênia).

Norte a Sul)²⁴, com oito (8) grupos linguísticos (Swahili, Yao, Makhuwa-Lomwe, Nyanja, Nsenga-Sena, Shona, Copi e Tswa-Ronga). O número de línguas varia de grupo para grupo, uma vez que nem todas as línguas moçambicanas foram inventariadas por Guthrie (ibidem).

Para Kathupa (1985), em Moçambique existem oito grupos linguísticos da família bantu, designadamente: E-Mákuwa, E-Lómwe, E-Chuwabo, Chi-Tsonga, Xi-Tswa, Chi-Nyanja, Chi-Sena e Chi-Shona. Este autor exclui assim do mapa linguístico moçambicano, as línguas CiNyunguè, Nsenga, KiMwani, CiNgoni, Cimanyika, Cindau, Gitonga, pelo facto de estas serem línguas minoritárias, variantes linguistas ou, ainda, línguas não moçambicanas (cf. Santos, 2016: 65).

O Censo de 1980 identificou vinte e três (23) línguas moçambicanas, porém, no I Seminário sobre a Padronização das Ortografias das Línguas Moçambicanas, realizado de 23 a 26 de Agosto de 1988, em Maputo, o NELIMO reflectiu sobre as línguas indicadas no Censo de 1980, tendo identificado treze (13) línguas (ibidem).

8.2. A situação da Língua Portuguesa em Moçambique

O espaço linguístico moçambicano é, como se referiu anteriormente, partilhado por línguas de origens diferentes, sendo uma delas o Português, do grupo das línguas românicas (ou latinas), as quais descendem do latim que se desdobrou em vários novos idiomas, entre os quais o galego-português, do qual a Língua Portuguesa descende mais imediatamente (op. cit.: 28)

A expansão da Língua Portuguesa pelo mundo pode dever-se aos históricos descobrimentos e à expansão ultramarina. Actualmente, o Português é língua materna de cerca de 180 milhões de pessoas e ocupa o quinto lugar entre as línguas mais faladas do mundo. Este idioma está, portanto, espalhado por todos os continentes, mais concretamente em Portugal e Brasil onde é língua nacional, e em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Macau onde é língua oficial.²⁵

²⁴ Veja-se a distribuição em Ngunga (2014).

²⁵ Cf. Mateus (2003: 29).

No Moçambique independente sob governação do então movimento nacionalista FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), o Português é língua oficial, para além de o ter sido, por um lado, de forma imposta no regime colonial português e, por outro, de forma voluntária durante a luta de libertação nacional onde foi (e continua a ser) utilizado como língua de unidade nacional para fazer face à diversidade etnolinguística nacional.

A oficialização da Língua Portuguesa era um facto expressamente assumido pelo governo. Enquanto língua oficial e de unidade nacional, a Língua Portuguesa é falada um pouco por todo o país, sobretudo, nas zonas urbanas. Porém, ela constitui uma Língua Segunda (L2) para a maioria dos moçambicanos que utilizam Línguas Bantu como Língua Materna (L1).

Em Moçambique, o Português está em contacto permanente com as Línguas do grupo Bantu que constituem línguas maternas para grande parte dos moçambicanos. “Língua segunda para a maior parte da população moçambicana que dela se serve, a Língua Portuguesa vai incorporando dizeres, expressões, influências que vão construindo uma certa identidade [...]”²⁶ Portanto, do contacto que mantém com as línguas autóctones a vários níveis, a LP em Moçambique sofre, tal como qualquer língua viva, mudanças assinaláveis que a distinguem da norma europeia. A variação à norma europeia no chamado Português de Moçambique é um fenómeno natural a qualquer língua viva.

²⁶ Miguel Buendía (Prefácio do livro *Panorama do Português Oral de Maputo*, Volume I).

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O presente capítulo, constituído por cinco principais pontos, apresenta e descreve as linhas que orientam o estudo em termos metodológicos. Assim, o primeiro ponto aborda o tipo de pesquisa utilizado neste estudo; o segundo apresenta os métodos científicos da pesquisa; o terceiro refere-se às técnicas e aos instrumentos de recolha de dados; o quarto centra-se nos procedimentos utilizados na recolha de dados; e o quinto aborda o universo e amostra do estudo.

1. Procedimentos metodológicos

Quanto à abordagem, a *pesquisa é qualitativa*, porque este trabalho se interessa mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados; a pesquisa qualitativa tem a vantagem de agrupar diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características, por isso os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas.²⁷

No que concerne ao objectivo, é *pesquisa descritiva*, porque este estudo tem como “objectivo primordial a descrição das características” dos fenómenos.²⁸ Ramos & Naranjo consideram que os estudos descritivos avaliam os diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenómeno a investigar.

A opção pela abordagem qualitativa e pesquisa descritiva justifica-se pela sua vantagem de tratar o fenómeno em estudo em toda a sua dimensão; a componente descritiva de que se revestem permitirá caracterizar o discurso relatado no PM em aspectos não apenas da morfossintaxe, mas também da pragmática e outras áreas indispensáveis a todo o tipo de análise relacionado com a ocorrência do fenómeno estudado.

²⁷ Op. cit.: 16

²⁸ Cf. Gil (2008: 28).

1.1. Métodos científicos

A concretização deste estudo basear-se-á no recurso aos seguintes métodos científicos:

- a) **Método causal**, que permitirá mostrar as causas do contacto das línguas em estudo e os efeitos na produção do discurso relatado em língua portuguesa. De acordo com Ramos & Naranjo (2014: 120), o método causal consiste em estabelecer um modelo que especifique as características que o objecto de estudo de investigação possui, estabelecendo as suas relações, e determinando quais delas são as causas e efeitos.
- b) **Método hermenêutico**, a partir do qual far-se-á a análise dos aspectos pragmático-semânticos, visando enquadrar os enunciados no contexto de modo a compreender a sua intenção. De salientar que este método visa a interpretação, ou seja, a compreensão das formas e conteúdos da comunicação humana, em toda a sua complexidade e simplicidade (cf. Carvalho: 105).
- c) **Método comparativo**, pelo qual proceder-se-á ao estudo dos aspectos comuns nas construções sintácticas entre a variedade do Português Moçambicano e a estrutura das Línguas Bantu, com destaque para Emakhuwa. Importa referir que “o método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenómenos ou factos, com vista a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles” (Gil, 2008: 16).

1.2. Técnicas e instrumentos de recolha de Dados

Para recolha de dados, esta pesquisa recorrerá às seguintes técnicas e instrumentos:

- a) **Questionário**, em que será solicitado, como actividade principal, que os inquiridos façam a transposição de um conjunto de frases do discurso citado para o discurso relatado. Trata-se, como designa Gil (2008), de um questionário auto-aplicado, já que será proposto, portanto, por escrito.

- b) Pesquisa bibliográfica**, a qual se centrará na recolha da temática que integrará ao suporte teórico deste estudo. A pesquisa bibliográfica possui a grande vantagem de “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenómenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar directamente” (op. cit.: 52).
- c) Ficha de questionário**, que será submetido aos inquiridos para que apresentem as suas respostas.
- d) Análise dos conteúdos**, a partir da qual serão analisados os dados do questionário a ser submetido aos informantes.

1.3. Procedimentos de recolha de Dados

A recolha dos dados consiste naturalmente na aplicação das técnicas e instrumentos à população de investigação a que se circunscreve o problema.

O *corpus* escrito de sessenta informantes, recolhido através de um questionário submetido a um universo de cento e sessenta informantes das cidades de Montepuez, Pemba, Beira e Maputo, constitui a base empírica deste estudo.

Os informantes inquiridos são alunos do Ensino Secundário Geral, 2º ciclo, 12ª classe, da Escola Secundária 15 de Outubro, Colégio Diocesano Dom Bosco, Escola Secundária da Ponta-Gêa e Colégio Moderno, localizados nas cidades de Montepuez, Pemba, Beira e Maputo.

O questionário submetido aos informantes centra-se na transposição do discurso directo para o discurso relatado com base num conjunto de frases do discurso directo, recolhido de nove obras literárias, nomeadamente: *A Visita do Dr. Valdez*, *O Último Voo do Flamingo*, *Venenos de Deus e remédios do Diabo*, *Tenda dos Milagres*, *O Mistério da Estrada de Sintra*, *Gungunhana*, *Contos e Lendas*, *Contravenção* e *O Cão e os*

*Caluandas*²⁹, de onde foram extraídas vinte e duas frases de diferentes verbos introdutores.

2. Amostragem

Esta pesquisa baseia-se na *Amostragem por acessibilidade* pela qual, de acordo com Gil (2008:94), o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo; este tipo de amostragem constitui o menos rigoroso de todos. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico e aplica-se em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão.

2.1. População

Constitui a população do estudo cento e sessenta (160) alunos das escolas envolvidas, distribuídos em quarenta (40) por cada uma. Refira-se que este número da população não representa necessariamente a totalidade das escolas, devido àquilo que seria a sua dimensão, mas sim uma parte delas, daí a opção pela *amostragem por acessibilidade*.

2.2. Amostra

Este estudo tem como amostra sessenta (60) alunos, distribuídos em quinze (15) por escola, um número que se justifica pela utilização da *amostragem por acessibilidade* ou *conveniência* de cujos elementos seleccionados representam, de alguma forma, a população.

Considere-se a tabela seguinte a qual elucida a selecção dos elementos que constitui a amostra.

²⁹De João Paulo Borges Coelho, Mia Couto, Jorge Amado, Eça de Queirós, Ungulani Baka Khosa, Carneiro Goncalves, Aldino Muianga e Pepetela, respectivamente.

Tabela 2: Distribuição de informantes por escola

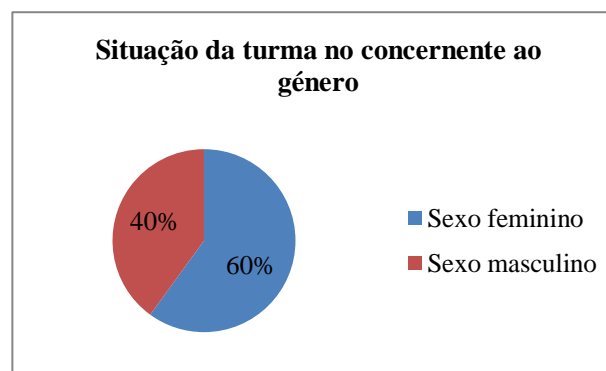
Instituição	Seleção de informantes					
Escola Secundária da Ponta-Gêa	Turma	40	Amostra	15	População	160
Escola Secundária 15 de Outubro		40		15		
Colégio Diocesano Dom Bosco		40		15		
Colégio Moderno		40		15		

3. Descrição da população de Investigação

3.1. Escola Secundária 15 de Outubro

A Escola Secundária 15 de Outubro é uma instituição pública do Ensino Secundário Geral, localizada no Bairro de N'coripo, Distrito de Montepuez, Província de Cabo Delgado, junto a outras instituições de ensino como a Escola Industrial de Montepuez, o Instituto de Formação de Professores de Montepuez e a Universidade Pedagógica – Delegação de Montepuez.

No que diz respeito ao género, a turma estudada é dominada pelo sexo feminino, conforme indica o gráfico.

Gráfico 1: Distribuição de informantes por género (ES15)

Estes dados do gráfico revelam que as mulheres, com 60% contra 40% de homens, constituem a maioria. Isto significa que a maior percentagem da turma é, portanto, de mulheres.

Por seu turno, quanto à situação linguística, verifica-se um grande desequilíbrio entre as línguas maternas dos informantes quer na zona central quer na zona periférica da vila municipal de Montepuez, como ilustra a tabela.

Tabela 3: Situação linguística dos informantes por zona residencial (ES15)

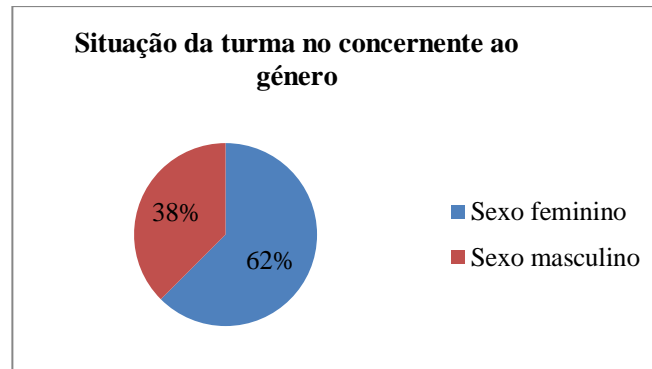
N°	Zona	Língua	Falantes	
			N°	Perc.
1	Central	Línguas Bantu	3	7.5%
		Língua Portuguesa	2	5%
2	Periférico	Línguas Bantu	28	70%
		Língua Portuguesa	7	17.5%

Esta tabela indica que as Línguas Bantu é a língua materna da maioria dos informantes com 77,5% contra 22,5% de Língua Portuguesa, língua materna de apenas um total de 22,5%, em ambas as zonas. Aliás, como se poderá ver, a turma da Escola Secundária 15 de Outubro é a que apresenta maior percentagem de falantes de Línguas Bantu como línguas maternas e percentagem baixa de falantes de Língua Portuguesa.

3.2. Colégio Diocesano Dom Bosco

O Colégio Diocesano Dom Bosco é uma instituição particular do Ensino Secundário Geral, sito junto à Diocese de Pemba e próximo do Palácio do Governador da Província, em Pemba, Província de Cabo Delgado.

Em relação à situação do género na turma do Colégio Diocesano Dom Bosco, de acordo com o gráfico abaixo, regista-se uma notável diferença percentual entre mulheres e homens.

Gráfico 2: Distribuição de informantes por género (CDB)

Segundo os dados, as mulheres, com 62% contra 38% de homens, constituem a maioria da turma. Poderá constatar-se que a turma do Colégio Diocesano Dom Bosco é a que possui a maior percentagem do sexo feminino em relação à do sexo masculino.

Sob ponto de vista linguístico, como ilustra a tabela abaixo, os informantes desta turma são maioritariamente falantes do Português como língua materna tanto na zona central quanto na zona periférica.

Tabela 4: Situação linguística dos informantes por zona residencial (CDB)

N°	Zona	Língua	Falantes	
			N°	Perc.
1	Central	Línguas Bantu	6	15%
		Língua Portuguesa	7	17.5%
2	Periférico	Línguas Bantu	8	20%
		Língua Portuguesa	19	47.5%

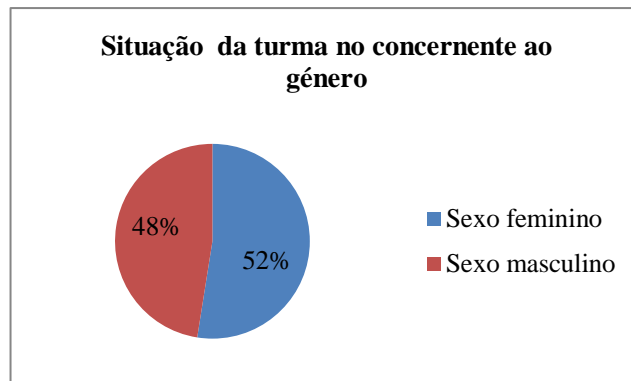
Os dados da tabela mostram que a Língua Portuguesa, com 65% de falantes contra 35% de Línguas Bantu, é a língua da maioria dos informantes da turma em todas as zonas. Importa referir que 47% dos falantes do Português como L1 no Colégio Diocesano Dom Bosco de Pemba são da zona periférica.

3.3. Escola Secundária da Ponta-Gêa

A Escola Secundária da Ponta-Gêa é uma escola pública do Ensino Secundário Geral, localizada na Rua Dom Francisco Barreto, a escassos metros da Universidade Pedagógica-Delegação da Beira, Bairro da Ponta-Gêa, no centro da Cidade da Beira, Província de Sofala.

Em termos de género, na turma estudada o sexo feminino apresenta uma ligeira vantagem em relação ao sexo oposto, conforme ilustra o gráfico abaixo.

Gráfico 3: Distribuição de informantes por género (ESPG)



O gráfico mostra, em termos de género, que o número dos informantes do sexo feminino, com 52% contra 48%, é ligeiramente superior ao do sexo masculino.

No que diz respeito à língua materna dos informantes, os dados da tabela seguinte mostram um certo desequilíbrio entre as Línguas Bantu e a Língua Portuguesa como línguas maternas quer na zona periférica quer na zona central.

Tabela 5: Situação linguística dos informantes por zona residencial (ESPG)

N°	Zona	Língua	Falantes	
			N°	Perc.
1	Central	Línguas Bantu	12	30%
		Língua Portuguesa	12	30%
2	Periférico	Línguas Bantu	10	25%
		Língua Portuguesa	6	15%

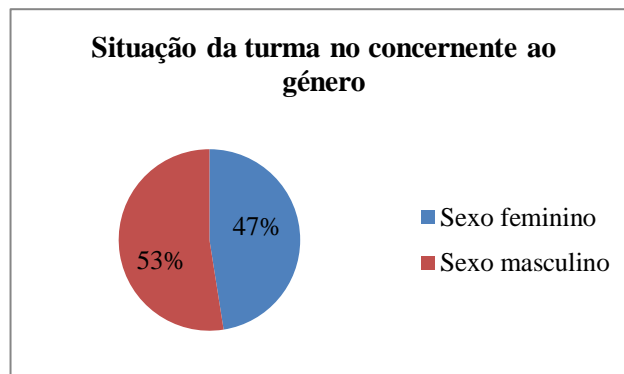
As Línguas Bantu são a principal língua materna dos informantes em ambas as zonas, com 55% contra 45% de Línguas Bantu quer na zona periférica quer na zona central. De salientar que os informantes da Escola Secundária da Ponta-Gêa e Escola Secundária 15 de Outubro, ambas instituições públicas, ocupam os dois primeiros lugares em termos de falantes de Línguas Bantu como L1.

3.4. Colégio Moderno

O Colégio Moderno é uma instituição privada do Ensino Secundário Geral, situada na Avenida Maguiguana, no Bairro Central, zona metropolitana da Cidade de Maputo.

Sob ponto de vista do género, de acordo com o gráfico abaixo, a turma do Colégio Moderno regista igualmente uma ligeira diferença entre ambos os sexos.

Gráfico 4: Distribuição de informantes por género (CM)



Conforme ilustram os dados do gráfico, os homens, com 53% contra 47% de mulheres constituem a maioria na turma do Colégio Moderno da Cidade de Maputo.

Em termos linguísticos, a tabela abaixo revela que os informantes deste colégio são maioritariamente falantes do Português como L1 tanto na zona periférica quanto na zona central.

Tabela 6: Situação linguística dos informantes por zona residencial (CM)

N°	Zona	Língua	Falantes	
			N°	Perc.
1	Central	Línguas Bantu	3	7.5%
		Língua Portuguesa	22	55%
2	Periférico	Línguas Bantu	3	7.5%
		Língua Portuguesa	12	30%

Conforme ilustram os dados da tabela, a Língua Portuguesa, com um total de 85% de falantes contra 15% de Línguas Bantu na turma estudada é a língua materna da maioria dos informantes deste colégio. Como se pode observar, o Colégio Moderno da Cidade de Maputo é a que apresenta uma percentagem significativa em termos de falantes do Português como L1, seguido do Colégio Diocesano Dom Bosco de Pemba, ambos instituições particulares.

CAPÍTULO III – DISCURSO RELATADO NO USO GERAL DO PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE

No presente capítulo, são apresentados e analisados os dados do estudo e os respectivos resultados, mostrando de que forma os falantes do Português como L2 em Moçambique procedem à realização do discurso relatado. A apresentação e análise dos dados consistirão na confrontação das frases do discurso relatado em Língua Portuguesa e em Línguas Bantu, a fim de ilustrar a similaridade das estruturas, resultante da interferência das Línguas Maternas (Língua Fonte) na Língua Segunda (Língua-Alvo).

1. Metodologia de Análise de Dados

Em primeiro lugar, a análise consistirá na discussão de alguns dados constituídos por frases do discurso relatado, transformadas pelos informantes no questionário. Os dados que serão objecto de discussão foram recolhidos aleatoriamente de questionários de cada uma das quatro turmas de igual número de escolas estudadas.

Em segundo lugar, serão sistematizados tanto os dados discutidos quanto os restantes, de acordo com a amostra deste estudo, de modo a ilustrar a situação da realização do discurso relatado no Português de Moçambique pelos alunos do Ensino Secundário Geral do 2º ciclo, mais concretamente, os da 12ª classe.

Quanto à confrontação das estruturas do discurso relatado do PM e das Línguas Bantu, com incidência sobre Emakhuwa, que visa ilustrar a sua similaridade, resultante do contacto linguístico, os dados serão primeiro sistematizados e depois discutidos.

A análise será antecedida de perguntas de cunho diagnóstico do questionário. Algumas informações a essas perguntas serão apresentadas; em seguida, de acordo com a amostra deste estudo, todas as informações serão sistematizadas, por forma a elucidar o ponto de situação no conhecimento do aspecto em estudo pelos informantes.

A fim de salvaguardar a personalidade dos informantes, por uma questão de ética na pesquisa, os dados fornecidos serão codificados através de siglas das escolas, seguido de números que distingam os informantes um do outro.

2. Questões básicas de pesquisa

Neste ponto do questionário, foram colocadas questões que pretendiam saber se os alunos teriam estudado o discurso relatado ou indirecto ao longo das suas aulas, podendo responder positivamente (SIM) ou negativamente (NÃO). O informante que respondesse positivamente (SIM), teria de explicar como consiste o discurso relatado (O QUE É?) e apresentar as características da sua produção (COMO É?).

4. Respostas às questões colocadas

De acordo com o *corpus* escrito, recolhido através do questionário, as respostas relativas ao conhecimento do discurso indirecto indicam, como elucidam algumas percepções no quadro, que alguns informantes possuem as noções desta matéria (Parte I) e outros revelam o desconhecimento da mesma (Parte II).

Quadro 7: Respostas relativas ao conhecimento do discurso relatado

		Das percepções do discurso relatado		Respondente
Parte I	Conceito	1	Este discurso consiste na transcrição das frases mudando o modo de fala das personagens e dos verbos da 1ª pessoa para a 3ª pessoa.	ESPGXX1
		2	(...) é a voz das personagens que assume como sujeito da enunciação; no indirecto, o narrador representa discurso das personagens procedendo às alterações na 3ª pessoa.	ES15XX1
		3	As características do discurso relatado são: transformação do verbo que está no discurso directo para o indirecto de modo que venha a combinar com o discurso indirecto.	ES15XX2
		4	O discurso indirecto é caracterizado por ser uma intervenção do narrador no discurso ao utilizar as suas próprias palavras para reduzir as falas da personagem (...)	ESPGXX2
		5	Consiste em relatar factos ou acontecimentos na 3ª pessoa.	CMXX1
		6	Consiste em transmitir autenticidade e espontaneidade.	CDBXX1
Parte II	Caract.	7	(...) consiste em diversos textos dramáticos. (...) é aquele que apresenta o verbo ou não.	ESPGXX2
		8	(...) é a mudança da 1ª pessoa para a 3ª pessoa na frase, por exemplo: ele comeu a banana, a banana foi comida por ele.	CMXX2

	9	(...) uso de verbos e locuções, frases na 3ª pessoa.	CDBXX2
	10	As características da produção do discurso relatado ou indirecto é o emprego dos verbos num outro tempo.	CDBXX3
	11	Inserção do discurso no meio do texto.	CDBXX1
	12	As formais verbais encontram-se no pretérito perfeito.	ESPGXX3

Como se pode notar, em termos teóricos, algumas destas 6 respostas dadas em relação ao conhecimento do discurso relatado, mostram que os nossos informantes têm certo domínio do assunto ao apresentar aspectos comuns que constituem essencialmente as algumas ideias-chave do discurso indirecto que se resumem no seguinte:

Parte I – Conceito

1. Transcrição das frases mudando o modo de fala das personagens e dos verbos da 1ª pessoa para a 3ª pessoa;
2. O narrador representa discurso das personagens procedendo às alterações na 3ª pessoa;
3. Transformação do verbo que está no discurso directo para o indirecto;
4. Intervenção do narrador no discurso ao utilizar as suas próprias palavras;
5. Relatar factos ou acontecimentos na 3ª pessoa.

Parte II – Características

1. Mudança da 1ª pessoa para a 3ª pessoa na frase;
2. Frases na 3ª pessoa;
3. Emprego dos verbos num outro tempo.

A fim de complementar o nível de percepções dos informantes ilustrando a situação geral das respostas respeitantes ao conhecimento do discurso indirecto, de acordo com a amostra do estudo, apresenta-se como resultado a seguinte sistematização na tabela.

Tabela 7: Resultados sobre o conhecimento do discurso relatado

N°	Formas de respostas	Respondentes	
		N°	Perc.
1	Responderam afirmativamente e acertaram.	21	35%
2	Responderam afirmativamente e não acertaram.	26	43%
3	Responderam negativamente.	0,0	0,0%
4	Não responderam.	13	22%

Os dados gerais na tabela indicam, segundo a amostra do estudo, que os nossos informantes não têm um bom domínio do assunto, o que representa 43%; alguns deles nem sequer puderam responder às questões colocadas, representando 22%; todavia, a temática sobre a reprodução do discurso é uma matéria que eles estudaram ao longo das suas aulas, considerando os que responderam afirmativamente e acertaram em 35%, e por isso ninguém respondeu negativamente (que não viram a matéria), o que corresponde a 0,0%.

5. Aspectos do problema de pesquisa

O presente tópico pretende discutir algumas frases do discurso relatado produzidas pelos alunos na versão do Português de Moçambique em relação à norma do Português Europeu, de modo a apresentar as diferenças existentes.

5.1. Casos de variação do PM à norma do PE

A realização do discurso indirecto no Português de Moçambique é caracterizada pelo uso ou não do complementador *que/se*, pelo emprego frequente do verbo *dizer* ainda que este não seja o utilizado no discurso citado, pelo recurso ao tempo/modo verbal e as expressões deícticas do discurso citado, sem as devidas alterações. Desta forma, a reprodução do discurso indirecto constitui uma construção estranha à norma europeia, conforme os diferentes aspectos de variação apresentados no quadro abaixo.

Quadro 8: Reprodução do discurso no uso geral do Português

		Elementos enunciativos	Representação sintáctica	Respondente	
Parte I	Discurso citado	1	O cão não diz nada – Segredou ele.	_____	_____
		2	Não temos o direito de dizer que não – Concluiu Namatuco.	_____	_____
		3	Pagam aos brancos? – Perguntou, ingenuamente, Namatuco.	_____	_____
		4	Há uma coisa que me espera e me deixa curioso – Disse o professor.	_____	_____
		5	Que bebeu ele? – Perguntei.	_____	_____
		6	Vou levar esse cão para casa – Repetiu ele.	_____	_____
		7	Faz-me perguntas – Pediu.	_____	_____
		8	A vida é que é mais contagiosa – Dizia.	_____	_____
		9	De onde tu és? – Perguntou Deolinda.	_____	_____
		10	E como sabe tudo, Sá Catarina?	_____	_____
		11	Ela já cá esta – em resposta à provocação.	_____	_____
		12	Onde vai? – Pergunta ao médico em tom subitamente adocicado.	_____	_____
		13	Isso é bruxaria – Disse o primeiro interlocutor do capitão.	_____	_____
		14	O navio é seguro – respondeu o outro.	_____	_____

		15	Quem será a esta hora? – Pergunta, de sobrolho carregado.	_____	_____
Parte II	Discurso relatado	16	Ele diz o cão não diz nada.	V int P+ Ø V prn P	ES15XX1
		17	Namatuco afirmou que não tinham o direito de dizer não.	V int PP+ que V prnPI	ES15XX2
		18	Namatuco Perguntara, ingenuamente, se pagam aos brancos.	V int P/P+ se V prn P	CMXX1
		19	O professor disse que há uma coisa que me espera e me deixa curioso.	V int PP+ queVs prns P	CMXX2
		20	Eu perguntei o que ele bebeu.	V int PP+ – V prnc PP	CDBXX1
		21	Ele repetiu que ia levar esse cão para casa.	V int PP+ que V aux PI	CDBXX2
		22	Ele pediu: faz-me perguntas.	V int PP+ Ø V prn P	ESPGXX1
		23	Ele disse a vida é que é mais contagiosa.	V int PP+ Ø V prn P	ESPGXX2
		24	Perguntou Deolinda de onde tu és?	V int PP+ – V prn P	ESPGXX3
		25	O doutor perguntou, Sá Catarina como sabe tudo isso?	V int PP+ – V prn P	ES15XX3
		26	Ele disse que já cá estava.	V int PP+que V prn PI	ESPGXX4
		27	Ele pergunta ao médico em tom subitamente adocicado onde irá?	V int P+ – V prn F	CDBXX3
		28	O primeiro interlocutor do capitão disse que isso é bruxaria.	V int PP+ queV prn P	CDBXX4
		29	O outro respondeu que o navio era seguro.	V int PP+queV prn PI	CMXX3
		30	Ele perguntou quem seria aquela hora.	V int PP+ – V prn FP	CMXX4

A nossa representação sintáctica, centrada no tempo verbal e no uso do complementador *que/se*³⁰, revela que o discurso relatado no PM é caracterizado por uma construção estranha à norma europeia, uma vez que, além do complementador *que/se* que é excluído em contextos do discurso indirecto em que é necessariamente requerido, também não há compatibilidade entre as informações sobre a localização temporal, expressa pelos tempos verbais, e as informações aspectuais, que exprimem o ponto de vista do enunciador relativamente à situação expressa pelo verbo, ou seja, os verbos da 1ª oração são incompatíveis aos da 2ª oração e vice-versa, facto que provoca ruído de comunicação, devido à falta de utilização correlativa dos tempos verbais, de utilização compatível dos valores aspectuais dos verbos e do valor semântico dos conectores temporais utilizados, e de ordenação linear dos eventos representados nos enunciados.

Vários são os aspectos do discurso relatado específicos do Português de Moçambique, ligados, por exemplo:

1. à tentativa de reprodução do mesmo:

Ele pediu: faz-me perguntas.

Note-se que esta reprodução mantém os sinais gráficos, próprios do discurso citado, não recorre ao complementador *que*, o qual caracteriza no caso o discurso relatado e o verbo não sofre a alteração requerida.

2. ao uso indevido de verbo introdutor:

Namatuco afirmou que não tinham o direito de dizer não.

Neste enunciado, verifica-se o uso indevido do verbo (*afirmar*) porque o mesmo é diferente daquele (*concluir*) que foi utilizado no discurso citado.

3. ao emprego do complementador *que* sem efeito:

³⁰Trata-se de uma representação nuclear que exclui a análise de expressões deícticas.

O professor disse que há uma coisa que me espera e me deixa curioso.

Portanto, o complementador nesta reprodução é utilizado sem o efeito esperado de acordo com a regra, pois a sua presença não faz sentir as alterações por ele normalmente criadas.

4. à ausência do complementador *que* com efeito anómalo:

Ele disse a vida é que é mais contagiosa.

Este tipo de enunciado com a falta do complementador, cria uma situação de coocorrência de ambas as estruturas, uma vez que as características do discurso relatado (*Ele disse*) fundem-se às do discurso citado (*a vida é que é mais contagiosa*).

5. à não substituição da expressão deíctica:

Ele repetiu que ia levar esse cão para casa.

Esta reprodução não obedece cabalmente às regras estabelecidas como o pronome *esse* que não sofre, portanto, a alteração necessária na transposição realizada, constituindo um elemento incompatível aos outros.

Para uma ideia global, apresenta-se na tabela abaixo a situação da versão do discurso relatado no Português de Moçambique em relação à norma europeia pela população estudada.

Tabela 8: Resultados da transposição do discurso citado para o discurso relatado

N°	Versão do discurso relatado no PM em relação à norma do PE	Respondentes	
		N°	Perc.
1	Transpuseram totalmente correcto.	3,0	5,0%
2	Transpuseram parcialmente correcto.	11	19%
3	Não transpuseram correctamente.	46	76%
4	Não transpuseram.	0,0	0,0%

Estes dados indicam que, dos 60 respondentes do questionário, 11 correspondentes a 19% posicionam-se entre a variedade e a norma, e 46 equivalentes a 76% produzem o discurso relatado na versão do PM contra 3,0 equivalentes a 5,0% na norma do PE, o que significa que a maior parte dos informantes produz o discurso relatado à maneira moçambicana.

6. Aspectos do contacto entre Línguas Bantu e Língua Portuguesa em Moçambique

Esta análise comparada do Português com as Línguas Bantu, ao nível da produção do discurso relatado, cinge-se à língua Emakhuwa, falada, em Moçambique, nas províncias de Nampula, Cabo Delgado, Niassa e Zambézia. De salientar que a escolha desta língua para o estudo prende-se meramente com a questão do conhecimento intuitivo da mesma pelo pesquisador, o que poderá permitir a análise dos elementos da construção do discurso relatado desta língua comparativamente ao Português.

O Português e Emakhuwa são línguas de origens completamente diferentes. Em Moçambique, Emakhuwa é uma língua autóctone, pertencente ao grande grupo africano de línguas Níger-Congo, ao passo que o Português é uma língua europeia que descende do galego-português, idioma pertencente ao grupo das línguas românicas.

Em termos de funcionamento, o facto de as línguas serem de origens diferentes, elas possuem características próprias que as distinguem uma da outra, porém o contacto entre si contribui para a interferência de uma língua noutra, como elucidam o quadro abaixo, o caso de Emakhuwa como L1 e do Português como L2.

Quadro 9: Aspectos do contacto linguístico (estruturas do discurso relatado em Línguas Bantu e Português)

Nº	Discurso Directo no PE	Produção do Discurso Indirecto em Emakhuwa	Produção do Discurso Indirecto no PM (tradução parcialmente literal de Emakhuwa)
1	Vou levar esse cão para casa – repetiu ele.	Ohima thoto vira nancisa mwalapwa owani.	Ele repetiu que vai levar o cão para casa.

2	Não temos o direito de dizer que não –concluiu Namatuco.	Omaliyera Namatuco vira kanirina xariha yowira mena.	Namatuco concluiu que não temos o direito de dizer que não.
3	Há uma coisa que me espera e me deixa curioso – disse o professor.	Ohima mwalimu vira ihavo ithu inohiha nisukuli.	O professor disse que há coisas que lhe esperam e lhe deixam curioso.

As frases no quadro ilustram o fenómeno de transferência linguística de Emakhuwa (Língua Fonte) em relação ao Português (Língua-Alvo). Apesar de algumas características próprias das Línguas Bantu, numa análise minuciosa, podemos constatar a ocorrência de transferência da estrutura básica do Emakhuwa na Língua Portuguesa.

O Português de Moçambique apresenta assim uma estrutura tipicamente assente nas Línguas Bantu. Esta interferência, ao nível da produção do discurso relatado, não desencadeia no PM a mudança necessária, como seria requerido na norma europeia.

Analisemos as frases do PM, divididas em orações, e consideremo-las agramaticais em confronto com a norma europeia.

1. *Ele repetiu/que vai levar o cão para casa.
2. *Namatuco concluiu/que não temos o direito de dizer que não.
3. *O professor disse/que há coisas que lhe esperam e lhe deixam curioso.

Como se pode verificar, dentre vários elementos que não sofrem mudança no discurso indirecto, está o complementador *que*, tido como inexistente nas estruturas do discurso indirecto do PM, pois não desempenha a devida função. Ademais, de acordo com a norma europeia, nestas frases igualmente não há coesão temporo-aspectual ou compatibilidade entre informação sobre a localização temporal e informação aspectual.

CONCLUSÃO E SUGESTÕES

Conclusão

Esta pesquisa procurou analisar os aspectos da variação à norma europeia da Língua Portuguesa em Moçambique em contextos multilingues, no que respeita à produção do discurso relatado, mostrando os elementos de transferência entre as Línguas Bantu (Língua Fonte) e a Língua Portuguesa (Língua-Alvo).

A Língua Portuguesa em Moçambique está em constante mudança a todos os níveis. A mudança decorre da insegurança no uso das regras estabelecidas pela norma do Português Europeu, cuja oferta se limita a contextos de aprendizagem escolares, contrariamente às Línguas Bantu como Língua Materna a que os falantes estão sobremaneira expostos, facto que contribui para a utilização “improficiente” do Português que resulta na formação de uma variedade “local”, comumente designada Português de Moçambique.

O Português de Moçambique assume-se como uma variedade com características próprias, as quais a distinguem da norma europeia. Esta variedade é o uso geral da língua (falado por diferentes camadas sociais como adultos instruídos, adolescentes, professores, classe média, residentes de uma certa área) que, por diversas razões, diverge da variedade padrão podendo impor-se como norma. A sintaxe destaca-se como uma das áreas de acentuados fenómenos de variação à norma europeia no Português de Moçambique, nos diferentes casos como estrutura de reprodução de enunciações, ordem de palavras, morfologia flexional, colocação dos pronomes clíticos, estrutura argumental dos verbos, entre outros.

A estrutura de reprodução de enunciações, com destaque para o discurso relatado, caracteriza-se por uma construção estranha à norma do Português Europeu. Os aspectos de variação à norma europeia no Português de Moçambique baseiam-se na transferência das estruturas de Línguas Bantu como L1 de que os falantes já possuem um nível considerável de proficiência.

A reprodução do discurso relatado pela população estudada revela que o uso do complementador *que/se* não desencadeia qualquer tipo de alteração morfológica ou da

substituição dos elementos deícticos presentes nas frases do discurso citado ou directo, como seria requerido no PE. Os dados indicam diferentes aspectos de reprodução do discurso relatado como uso de verbo introdutor diferente daquele que é utilizado no discurso citado (é o caso do verbo *dizer*); emprego do complementador *que* ou *se* sem efeito no discurso relatado, ou ausência do mesmo criando uma situação de coocorrência das estruturas do discurso indirecto e discurso directo; a não substituição ou alteração de expressões do discurso citado em relação ao discurso indirecto.

Sugestões

Alguns estudiosos são unânimes em afirmar que o maior fracasso da educação contemporânea tem sido, precisamente, a incapacidade de os currícula contemplarem a complexidade etnolinguística dos alunos, das comunidades e da sociedade.

Moçambique vive linguisticamente uma situação de coocorrência da norma europeia e a possível variedade moçambicana, esta última utilizada amiúde de forma natural tanto em contextos formais quanto em informais, em resultado da insegurança dos falantes no uso do PE.

Como é natural a qualquer língua usada em diferentes regiões, a Língua Portuguesa em Moçambique possui características próprias. A variedade “local” do Português, além de ser simbólica no respeitante aos valores culturais dos falantes pelo contacto mantido com as línguas bantu de expressão colectiva, é a que permite a espontaneidade com a criatividade dos seus falantes.

A realidade linguística de Moçambique exige assim o delineamento de políticas linguísticas inclusivas em relação às línguas moçambicanas e de reconhecimento da variedade moçambicana do Português coma sua padronização, o que pode ajudar a romper com o “fechamento de elite” linguístico na “imposição” do uso da norma europeia a uma realidade completamente diferente.

BIBLIOGRAFIA

I

TEXTOS

AMADO, J. (1969). *Tenda dos Milagres*. Lisboa: Publicações Europa-América, Lda.

BA KA KHOSA, U. (2008). *Ualalapi*. Maputo: Alcance Editores.

_____ (2018). *Gungunhana*. Lisboa: Porto Editora.

CHIZIANE, P. (1999). *Ventos do Apocalipse*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, SA.

COELHO, J. P. B. (2010). *As visitas do Dr. Valdez*. 3ª ed. Maputo: Sociedade Editorial Ndjira, Lda.

COELHO, J. B. (2010). *O Olho de Hertzog*. Maputo: Ndjira, Lda.

COUTO, M. (2008). *O país do queixa andar*. 2ª ed. Maputo: Ndjira, Lda.

_____ (2010). *O Outro pé da sereia*. 2ª ed. Maputo: Ndjira, Lda.

_____ (2010). *Venenos de Deus, remédios do Diabo*. 2ª ed. Maputo: Ndjira, Lda.

_____ (2014). *O Último voo do flamingo*. 6ª ed. Maputo: Sociedade Editorial Ndjira, Lda.

MUIANGA, A. (2008). *Contravenção*. Maputo: Ndjira, Lda.

PEPETELA (2002). *O Cão e os Caluandas*. 5ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

SANTOS, J. R. (2006). *A Fórmula de Deus*. Lisboa: Gradiva Publicações, S.A.

SILVA, C. (2010). *Xicandarinha*. Maputo: Alcance Editores.

II

ESTUDOS METODOLÓGICOS

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos* (Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos & Telmo Mourinho Baptista). Porto: Porto Editora.

CARVALHO, J. E. (2009). *Metodologia do Trabalho Científico*. 2ª ed. Lisboa: Escolar Editora.

GIL, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.

RAMOS, S. T.C. & NARANJO, E. S. (2014). *Metodologia da Investigação Científica*. Luanda: Escolar Editora.

III

BIBLIOGRAFIA TEÓRICA

ALMEIDA, J. M. P. (2001). *A Transferência Linguística e Tradução: Barreira à tradução ou eficaz solução comunicativa (?)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Dissertação de Mestrado em Estudos de Tradução apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto].

AMORIM, C. SOUSA, C. & VILELA, M. (2013). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Areal Editores.

BARBISAN, L. B. (2007). *O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot*. Porto Alegre: UFSM.

CARDOSO, S. H. B. (1997). *Benveniste: enunciação e referência*. (pp. 65-86). Belo Horizonte: Rev. Est. Ling., ano 6, n.5, v. 1.

COIMBRA, O. M. & LEITE, I. C. (2000). *Gramática Activa 2*. Lisboa – Porto – Coimbra: LIDEL – Edições Técnicas.

CUNHA, C. CINTRA, L. F. L. (2005). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 18ª ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, Lda.

DIAS *et al.* (2001). *Gramática escolar – língua portuguesa*. 2ª ed. Maputo: Moçambique Editora.

DIAS, H. N. (2002). *Minidicionário de Moçambicanismos*. Maputo: Edição da autora.

_____ (2009). A norma padrão e as mudanças linguísticas na língua portuguesa nos Meios de Comunicação de Massas em Moçambique. In H. N. Dias (org.). *Português Moçambicano: Estudos e Reflexões*. (pp. 389-417). Maputo: Imprensa Universitária.

DUBOIS *et al.* (2006). *Dicionário de linguística*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix [Tradução de Izidoro Blikstein].

FAVERO, L. L. & KOCH, I. G. V. (1998). *Linguística textual: introdução*. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora.

FORTUNATO, M. V. (2003). *Autoria sob a materialidade do discurso*. São Paulo: Universidade de São Paulo [Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação].

GONÇALVES, C. (1980). *Contos e Lendas*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, Lda.

GONÇALVES, P. (2001). Panorama geral do Português de Moçambique. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, 79. (pp. 976-988).

_____ (1996). Aspectos da sintaxe do Português de Moçambique. In I. H. Faria (org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. (pp. 313-322). 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, SA.

_____ (1998). Introdução. In P. Gonçalves *et al.* *Mudanças do Português em Moçambique: Aquisição e formato de estruturas de subordinação*. (pp. 1-13). Maputo: Livraria Universitária, UEM.

_____ (2005). *Afinal, o que são erros de Português?* Conferência apresentada nas “Jornadas de Língua Portuguesa – Dinâmicas do Português em Moçambique”. Maputo: FLCS, UEM [Versão revista].

_____ (1997). Metodologia de Recolha de Dados. In C. Stroud, & P. Gonçalves (orgs.) *Panorama do Português oral de Maputo – Volume I – Objectivos e Métodos*. (pp. 47-73). Maputo: INDE.

_____ (2010). O Perfil Linguístico dos Estudantes Universitários: Áreas Críticas e Instrumentos de Análise. In P. Gonçalves (org.). *O Português escrito por estudantes universitários: Descrição linguística e estratégias didácticas*. (pp. 16-55). Maputo: Texto Editores, Lda.

GONÇALVES, P. & MACIEL, C. A. (1998). Estruturas de subordinação na aquisição do Português/Língua Segunda. In P. Gonçalves *et al.* *Mudanças do Português em Moçambique: Aquisição e formato de estruturas de subordinação*. (pp. 15-66). Maputo: Livraria Universitária, UEM.

GONÇALVES, P. & CHIMBUTANE, F. (2004). *O Papel das Línguas Bantu na Génese do Português de Moçambique: O comportamento sintáctico de constituintes locativos e direccionais*. *Papia*, 14: 7-30.

GREGOLIN, M. R. V. (1995). *A análise do discurso: conceitos e aplicações*. *Alfa*, v.39, p.13-21. São Paulo: Departamento de Linguística - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP.

HONWANA, L. B. (2014). *Nós Matámos o Cão-Tinhoso*. Maputo: Alcance Editores.

INDE/MINED (2003). *Programas das Disciplinas do Ensino Básico – 1º Ciclo: Objectivos, Política, Estrutura*. Maputo: INDE

- LOPES, A. J. (2004). *A batalha das línguas: perspectivas sobre a linguística aplicada em Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária.
- MATEUS *et al.* (2003). *Gramática da língua portuguesa*. 7ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- MATOS, J. C. (2010). *Gramática Moderna da Língua Portuguesa*. Lisboa: Escolar Editora.
- MIRANDA, F. (2010). *Textos e Géneros em Diálogo: Uma abordagem Linguística da Intertextualização*. SI: Fundação Calouste Gulbenkian.
- NGUNGA, A. (2014). *Introdução à Linguística Bantu*. 2ª ed. Maputo: Imprensa Universitária.
- NGUNGA, A. & BAVO, N. N. (2011). *Práticas linguísticas em Moçambique: Avaliação da vitalidade linguística em seis distritos*. Maputo: Colecção AS NOSSAS LÍNGUAS IV, CEA- UEM (Edição dos autores).
- PRONTUÁRIO da Língua Portuguesa. (2005). Porto: Porto Editora.
- QUEIRÓS, E. (2004). *O Mistério da estrada de Sintra*. 3ª ed. Lisboa: Publicações Europa-América, Lda.
- SANTOS, N. R. (2016). *Estruturadores do Discurso na Aula de Português em Moçambique*. Maputo: Alcance Editores.
- STROUD, C. & GONÇALVES, P. (1997). *Panorama do Português oral de Maputo – Volume I – Objectivos e Métodos*. Maputo: INDE.
- STROUD, C. (1997). O Corpus: Antecedentes, Quadro Teórico e Aspirações Práticas. In C. Stroud & P. Gonçalves (orgs.) *Panorama do Português oral de Maputo – Volume I – Objectivos e Métodos*. (pp. 11-45). Maputo: INDE.

_____ (1997). Os conceitos linguísticos de “erro” e “norma”. In Stroud, C. & Gonçalves, P. (orgs.) *Panorama do Português oral de Maputo – Volume II – A construção de um Banco de Erros*. (pp. 8-34). Maputo: INDE.

ANEXOS

Ficha de Questionário



Ficha de Questionário de Pesquisa

Este questionário, dirigido aos alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário Geral, com incidência sobre a 12ª classe, insere-se na Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Portuguesa e visa recolher dados relativos à produção do discurso relatado no Português de Moçambique.

1. Dados sociolinguísticos

a) Escola:

b) Sexo: Masculino Feminino

c) Língua materna:

d) Naturalidade:

e) Bairro residencial:

2. Sobre a relação com o livro

a) Gosta de ler textos/obras literárias? Sim Não . Se m, indique o género: Lírico
Narrat Dramá o

b) Quais são os textos/obras literários de que mais gostou de ler? (Pelo menos duas de autores moçambicanos).

3. Do conhecimento do discurso relatado

- a) Ao longo das suas aulas, estudou o discurso relatado ou indirecto? Sim Não
Se sim, diga como consiste.

- b) Apresente as características da produção do discurso relatado ou indirecto.

4. Aspectos do problema de pesquisa

Transposição do discurso directo para o discurso relatado

- a) – *O cão não diz nada - Segredou ele.* (Pepetela, 60)

- b) – *Que bebeu ele? – Perguntei.* (Eça de Queirós, 21)

- c) – *Faz-me perguntas – Pediu.* (Carneiro Gonçalves, 45)

- d) – *Vou levar esse cão para casa – Repetiu ele.* (Pepetela, 33)

- e) – *De onde tu és? – Perguntou Deolinda.* (Mia Couto, 107)

- f) – *Sei que as trazia – Dizia outra voz.* (Eça de Queirós, 55)

g) – *A vida é que é mais contagiosa – Dizia.* (Mia Couto, 47)

h) – *O navio é seguro – Respondeu o outro.* (Eça de Queirós, 81)

i) – *Está bem, Amélia – Disse Sá Catarina.* (João P. B. Coelho, 101)

j) – *Ela já cá está – Insinuo, em resposta à provocação.* (Aldino Muianga, 63)

k) – *Vem quando acordar – Disseram os companheiros.* (Carneiro Gonçalves, 71)

l) – *Quem será a esta hora? – Pergunta, de sobrolho carregado.* (Aldino Muianga, 58)

m) – *Isso é bruxaria – Disse o primeiro interlocutor do capitão.* (Ungulani Ba Ka Khosa, 65)

n) – *Não temos o direito de dizer que não – Concluiu Namatuco.* (Ungulani Ba Ka Khosa, 147)

o) – *Pagam aos brancos? – Perguntou, ingenuamente, Namatuco.* (Ungulani Ba Ka Khosa, 146)

p) – *Onde vai? – Pergunta ao médico em tom subitamente adocicado.* (Mia Couto, 136)

q) – *E como sabe tudo isso, Sá Catarina? – Perguntou o doutor.* (Eça de Queirós, 151)

r) – *Se calhar este branco é mesmo perigoso – Diz Sabonete.* (João P. B. Coelho, 162)

s) – *Há uma coisa que me espera e me deixa curioso – Disse o professor.* (Jorge Amado, 268)

t) *O italiano, nervoso, me sacudiu – Foi essa explosão que ouvimos ontem em casa de seu pai.* (Mia Couto, 147/8)

u) *Seria por isso que fazia de conta que eu era invisível quando falei – Pai, eu trago notícias tristes de Tizangara.* (Mia Couto, 55)

v) *Busca disfarçar os bocejos, o ardor dos olhos, as pálpebras pesadas, mas Lídio dá-se conta e lhe ordena: – Vá dormir.* (Jorge Amado, 145)

Obrigado pela colaboração!

Ilustrativo de Questionário



Universidade Zambeze
Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades

Ficha de Questionário de Pesquisa

Este questionário, dirigido aos alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário Geral, com incidência sobre a 12ª classe, insere-se na Dissertação de Mestrado e visa recolher dados relativos à produção do discurso relatado no Português de Moçambique.

1. Dados sociolinguísticos

- a) Escola: Ponta Gea
- b) Sexo: Masculino Feminino
- c) Língua materna: Português
- d) Naturalidade: Beira
- e) Bairro residencial: Estoril

2. Sobre a relação com o livro

- a) Gosta de ler textos/obras literárias? Sim Não . Se sim, indique o género: Lírico
Narrativo Dramático
- b) Quais são os textos/obras literárias de que mais gostou de ler? (Pelo menos duas de autores moçambicanos).

3. Do conhecimento do discurso relatado

- a) Ao longo das suas aulas, estudou o discurso relatado ou indirecto? Sim Não .

Se sim, diga como consiste.

Quando a frase está no discurso indirecto repetimos o que está na frase.

- b) Apresente as características da produção do discurso relatado ou indirecto.

4. Aspectos do problema de pesquisa

Transposição do discurso directo para o discurso relatado

- a) *Seria por isso que fazia de conta que eu era invisível quando falei – pai, eu trago notícias tristes de Tizângara.* (Mia Couto, 55)

Foi por isso que ele fazia de conta que eu era invisível quando falei.

- b) *– O cão não diz nada - segredou ele.* (Pepetela, 60)

ele disse o cão não diz nada.

- c) *– Isso é bruxaria – disse o primeiro interlocutor do capitão.* (Ungulani Ba Ka Khosa, 65)

O primeiro interlocutor disse isso a bruxaria.

- d) *– Que bebeu ele? – perguntei.* (Eça de Queirós, 21)

Perguntei o que ele bebeu.

- e) *O italiano, nervoso, me sacudiu – foi essa explosão que ouvimos ontem em casa de seu pai.* (Mia Couto, 147/8)

Foi essa explosão que ouvimos ontem em casa de seu pai - o italiano nervoso, me sacudiu.

- f) *Faz-me perguntas – pediu.* (Carneiro Gonçalves, 45)

Pediu faz-me perguntas.

- g) *– Não temos o direito de dizer que não – concluiu Namatuco.* (Ungulani Ba Ka Khosa, 147)

Concluiu Namatuco não temos o direito de dizer que não.

- h) *– De onde tu és? – perguntou Deolinda.* (Mia Couto, 107)

Perguntou que de onde es deolinda.

- i) *E como sabe tudo isso, Sá Catarina? – perguntou o doutor.* (Eça de Queirós, 151)

Perguntou o doutor e como sabe tudo isso.

- j) *– Sei que as trazia – dizia outra voz.* (Eça de Queirós, 55)

dizia outra voz - sei que as trazia.

- k) *– O navio é seguro – respondeu o outro.* (Eça de Queirós, 81)

Respondeu o outro o navio é seguro.

- l) *– A vida é que é mais contagiosa – dizia.* (Mia Couto, 47)

Dizia que a vida é mais contagiosa.

- m) *– Vem quando acordar – disseram os companheiros.* (Carneiro Gonçalves, 71)

Disseram os companheiros vem quando acordar.

- n) – *Ela já cá está – insinuo, em resposta à provocação.* (Aldino Muianga, 63)
Respondeu insinuando ela cá está cá.
- o) *Quem será a esta hora? – pergunta, de sobrolho carregado.* (Aldino Muianga, 58)
Perguntou quem será esta hora.
- p) – *Pagam aos brancos? – perguntou, ingenuamente, Namatuco.* (Ungulani Ba Ka Khosa, 146)
Perguntou ingenuamente pagam aos brancos.
- q) – *Está bem, Amélia – disse Sá Catarina.* (João P. B. Coelho, 101)
disse sa Catarina está bem.
- r) – *Onde vai? – pergunta ao médico em tom subitamente adocicado.* (Mia Couto, 136)
Perguntou ao médico onde vai.
- s) – *Se calhar este branco é mesmo perigoso – diz Sabonete.* (João P. B. Coelho, 162)
Dizia -se calhar este branco é mesmo perigoso.
- t) – *Há uma coisa que me espera e me deixa curioso – disse o professor.* (Jorge Amado, 268)
Dizia o professor há uma coisa que me espera e me deixa curioso.
- u) *Vou levar esse cão para casa – repetiu ele.* (Pepetela, 33)
Ele disse vou levar este cão para casa.
- v) *Busca disfarçar os bocejos, o ardor dos olhos, as pálpebras pesadas, mas Lídio dá-se conta e lhe ordena: – Vá dormir.* (Jorge Amado, 145)
ordenou-lhe vá dormir busca disfarçar os bocejos o ardor dos olhos as pálpebras pesadas, mas lídio.

Obrigado pela colaboração!



Universidade Zambeze
Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades

Ficha de Questionário de Pesquisa

Este questionário, dirigido aos alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário Geral, com incidência sobre a 12ª classe, insere-se na Dissertação de Mestrado e visa recolher dados relativos à produção do discurso relatado no Português de Moçambique.

1. Dados sociolinguísticos

- a) Escola: 15 de outubro
- b) Sexo: Masculino Feminino
- c) Língua materna: Ndebele
- d) Naturalidade: Cabo Delgado
- e) Bairro residencial: NqPela

2. Sobre a relação com o livro

- a) Gosta de ler textos/obras literárias? Sim Não . Se sim, indique o género: Lírico
Narrativo Dramático
- b) Quais são os textos/obras literárias de que mais gostou de ler? (Pelo menos duas de autores moçambicanos).

Jose Cravinho

3. Do conhecimento do discurso relatado

- a) Ao longo das suas aulas, estudou o discurso relatado ou indirecto? Sim Não .
Se sim, diga como consiste.

- b) Apresente as características da produção do discurso relatado ou indirecto.

são tipos de discurso utilizado nos gêneros narrativo para introduzir os O-pais e os pensamentos das personagens.

4. Aspectos do problema de pesquisa

Transposição do discurso directo para o discurso relatado

- a) Seria por isso que fazia de conta que eu era invisível quando falei – pai, eu trago notícias tristes de Tizangara: (Mia Couto, 55)

ele trs notícias tristes de tizangara para o pai.

- b) – O cão não diz nada - segredou ele. (Pepetela, 60)

ele disse que o cão não diz nada.

- c) – Isso é bruxaria – disse o primeiro interlocutor do capitão. (Ungulani Ba Ka Khosa, 65)

ele disse que isso é bruxaria

- d) – Que bebeu ele? – perguntei. (Eça de Queirós, 21)

ele perguntou se bebeu ele.

e) *O italiano, nervoso, me sacudi* – foi essa explosão que ouvimos ontem em casa de seu pai. (Mia Couto, 147/8)

ele disse que foi essa explosão que ouvimos
nos ontem em casa de seu pai.

f) *Faz-me perguntas* – pediu. (Carneiro Gonçalves, 45)

ele pede mais perguntas.

g) – *Não temos o direito de dizer que não* – concluiu Namatuco. (Ungulani Ba Ka Khosa, 147)

disse que não temos o direito de dizer que
não.

h) – *De onde tu és?* – perguntou Deolinda. (Mia Couto, 107)

ele perguntou de onde tu és?

i) *E como sabe tudo isso, Sá Catarina?* – perguntou o doutor. (Eça de Queirós, 151)

ele perguntou como sabe tudo isso.

j) – *Sei que as trazia* – dizia outra voz. (Eça de Queirós, 55)

ele sabe que as trazia

k) – *O navio é seguro* – respondeu o outro. (Eça de Queirós, 81)

ele disse que o navio é seguro.

l) – *A vida é que é mais contagiosa* – dizia. (Mia Couto, 47)

ele disse que a vida é que é mais contagiosa

m) – *Vem quando acordar* – disseram os companheiros. (Carneiro Gonçalves, 71)

eles dizem que

n) – Ela já cá está – insinuo, em resposta à provocação. (Aldino Muianga, 63)

ele disse que já cá está

o) Quem será a esta hora? – pergunta, de sobrolho carregado. (Aldino Muianga, 58)

Perguntou que será a esta hora

p) – Pagam aos brancos? – perguntou, ingenuamente, Namatuco. (Ungulani Ba Ka Khosa, 146)

eles pagaram aos brancos

q) – Está bem, Amélia – disse Sá Catarina. (João P. B. Coelho, 101)

r) – Onde vai? – pergunta ao médico em tom subitamente adocicado. (Mia Couto, 136)

ele perguntou onde vais?

s) – Se calhar este branco é mesmo perigoso – diz Sabonete. (João P. B. Coelho, 162)

esse branco é perigo.

t) – Há uma coisa que me espera e me deixa curioso – disse o professor. (Jorge Amado, 268)

u) Vou levar esse cão para casa – repetiu ele. (Pepetela, 33)

ele disse que já vai levar esse cão para casa

v) Busca disfarçar os bocejos, o ardor dos olhos, as pálpebras pesadas, mas Lídio dá-se conta e lhe ordena: – Vá dormir. (Jorge Amado, 145)

ele mandou para dormir.

Obrigado pela colaboração!

12^a B



Universidade Zambeze
Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades

Ficha de Questionário de Pesquisa

Este questionário, dirigido aos alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário Geral, com incidência sobre a 12ª classe, insere-se na Dissertação de Mestrado e visa recolher dados relativos à produção do discurso relatado no Português de Moçambique.

1. Dados sociolinguísticos

- a) Escola: Colégio N. Dom Bosco
- b) Sexo: Masculino Feminino
- c) Língua materna: Emacua
- d) Naturalidade: Luanda
- e) Bairro residencial: Bairro - Cimento

2. Sobre a relação com o livro

- a) Gosta de ler textos/obras literárias? Sim Não . Se sim, indique o género: Lírico
Narrativo Dramático
- b) Quais são os textos/obras literárias de que mais gostou de ler? (Pelo menos duas de autores moçambicanos).
- Kicandarinha
- O grito negro

3. Do conhecimento do discurso relatado

- a) Ao longo das suas aulas, estudou o discurso relatado ou indirecto? Sim Não .
Se sim, diga como consiste.

- b) Apresente as características da produção do discurso relatado ou indirecto.

- Frases na 3ª pessoa
- Uso de verbos e locuções
- No preterito perfeito

4. Aspectos do problema de pesquisa

Transposição do discurso directo para o discurso relatado

- a) *Seria por isso que fazia de conta que eu era invisível quando falei – pai, eu trago notícias tristes de Tizangara.* (Mia Couto, 55)

- b) – *O cão não diz nada - segredou ele.* (Pepetela, 60)

Ele segredou que o cão não digera nada

- c) – *Isso é bruxaria – disse o primeiro interlocutor do capitão.* (Ungulani Ba Ka Khosa, 65)

O primeiro interlocutor do capitão disse que isso era bruxaria

- d) – *Que bebeu ele? – perguntei.* (Eça de Queirós, 21)

Ele perguntou o que bebera ele.

- e) *O italiano, nervoso, me sacudiú – foi essa explosão que ouvimos ontem em casa de seu pai. (Mia Couto, 147/8)*
O italiano, nervoso, me sacudira.
- f) *Faz-me perguntas – pediu. (Carneiro Gonçalves, 45)*
Ele pediu que o fizessem perguntas.
- g) *– Não temos o direito de dizer que não – concluiu Namatuco. (Ungulani Ba Ka Khosa, 147)*
Namatuco concluiu que não tínhamos o direito de dizer que não.
- h) *– De onde tu és? – perguntou Deolinda. (Mia Couto, 107)*
Deolinda perguntou de onde tu erás.
- i) *E como sabe tudo isso, Sá Catarina? – perguntou o doutor. (Eça de Queirós, 151)*
O doutor perguntou como sabia tudo isso, Sá Catarina.
- j) *– Sei que as trazia – dizia outra voz. (Eça de Queirós, 55)*
Outra voz dizia que sabia que as trazia.
- k) *– O navio é seguro – respondeu o outro. (Eça de Queirós, 81)*
O outro respondeu que o navio era seguro.
- l) *– A vida é que é mais contagiosa – dizia. (Mia Couto, 47)*
Ele dizia que a vida é que era mais contagiosa.
- m) *– Vem quando acordar – disseram os companheiros. (Carneiro Gonçalves, 71)*
Os companheiros disseram que viria quando acordar.

n) – Ela já cá está – insinuo, em resposta à provocação. (Aldino Muianga, 63)

Em resposta à provocação, ele insinua que Ela já cá estava

o) Quem será a esta hora? – pergunta, de sobrolho carregado. (Aldino Muianga, 58)

De sobrolho carregado, ele pergunta quem seria a esta hora.

p) – Pagam aos brancos? – perguntou, ingenuamente, Namatuco. (Ungulani Ba Ka Khosa, 146)

Namatuco, perguntou, ingenuamente se têm pago aos brancos

q) – Está bem, Amélia – disse Sá Catarina. (João P. B. Coelho, 101)

Sá Catarina disse a Amélia que estava bem.

r) – Onde vai? – pergunta ao médico em tom subitamente adocicado. (Mia Couto, 136)

Ele pergunta ao médico com tom subitamente adocicado onde ira.

s) – Se calhar este branco é mesmo perigoso – diz Sabonete. (João P. B. Coelho, 162)

Sabonete diz que se calhar este branco é mesmo perigoso

t) – Há uma coisa que me espera e me deixa curioso – disse o professor. (Jorge Amado, 268)

El professor disse que havia uma coisa que o esperava e o deixava curioso

u) Vou levar esse cão para casa – repetiu ele. (Pepetela, 33)

Ele repetiu que ira levar esse cão para casa

v) Busca disfarçar os bocejos, o ardor dos olhos, as pálpebras pesadas, mas Lídio dá-se conta e lhe ordena: – Vá dormir. (Jorge Amado, 145)

Obrigado pela colaboração!



Universidade Zambeze
Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades

Ficha de Questionário de Pesquisa

Este questionário, dirigido aos alunos do 2º Ciclo do Ensino Secundário Geral, com incidência sobre a 12ª classe, insere-se na Dissertação de Mestrado e visa recolher dados relativos à produção do discurso relatado no Português de Moçambique.

1. Dados sociolinguísticos

- a) Escola: Colegio Moderna
- b) Sexo: Masculino Feminino
- c) Língua materna: Macua
- d) Naturalidade: Moçambicana
- e) Bairro residencial: Mexagone

2. Sobre a relação com o livro

- a) Gosta de ler textos/obras literárias? Sim Não . Se sim, indique o género: Lírico
Narrativo Dramático
- b) Quais são os textos/obras literárias de que mais gostou de ler? (Pelo menos duas de autores moçambicanos).

3. Do conhecimento do discurso relatado

- a) Ao longo das suas aulas, estudou o discurso relatado ou indirecto? Sim Não ..
Se sim, diga como consiste.

Discurso relatado é quando a pessoa conta algo na 1ª pessoa, indirecto é quando conta na 3ª pessoa

- b) Apresente as características da produção do discurso relatado ou indirecto.

4. Aspectos do problema de pesquisa

Transposição do discurso directo para o discurso relatado

- a) Seria por isso que fazia de conta que eu era invisível quando falei – pai, eu trago notícias tristes de Tizangara. (Mia Couto, 55)

Ele disse que foi por aquilo que fazia de conta que era invisível quando falou

- b) – O cão não diz nada - segredou ele. (Pepetela, 60)

Ele disse que o cão não diz nada

- c) – Isso é bruxaria – disse o primeiro interlocutor do capitão. (Ungulani Ba Ka Khosa, 65)

Ele disse que aquilo era bruxaria

- d) – Que bebeu ele? – perguntei. (Eça de Queirós, 21)

Ele perguntou o que havia bebido

- e) *O italiano, nervoso, me sacudiu – foi essa explosão que ouvimos ontem em casa de seu pai.* (Mia Couto, 147/8)

Ele disse que o italiano, nervoso, o sacudiu.

- f) *Faz-me perguntas – pediu.* (Carneiro Gonçalves, 45)

Ele pediu que o fizesse perguntas

- g) – *Não temos o direito de dizer que não – concluiu Namatuco.* (Ungulani Ba Ka Khosa, 147)

Ele disse que não tinham o direito de dizer que não

- h) – *De onde tu és? – perguntou Deolinda.* (Mia Couto, 107)

A Deolinda perguntou de onde tu és.

- i) *E como sabe tudo isso, Sá Catarina? – perguntou o doutor.* (Eça de Queirós, 151)

O doutor perguntou a Catarina como ela sabia tudo aquilo.

- j) – *Sei que as trazia – dizia outra voz.* (Eça de Queirós, 55)

A Outra voz disse que sabia que as trazia

- k) – *O navio é seguro – respondeu o outro.* (Eça de Queirós, 81)

O outro disse que o navio é seguro

- l) – *A vida é que é mais contagiosa – dizia.* (Mia Couto, 47)

Ele disse que a vida é que é mais contagiosa

- m) – *Vem quando acordar – disseram os companheiros.* (Carneiro Gonçalves, 71)

Os companheiros disseram para vir quando acordar

n) – Ela já cá está – insinuo, em resposta à provocação. (Aldino Muianga, 63)

Ele disse que ela já cá estava

o) Quem será a esta hora? – pergunta, de sobrolho carregado. (Aldino Muianga, 58)

Ele perguntou quem seria a aquela hora

p) – Pagam aos brancos? – perguntou, ingenuamente, Namatuco. (Ungulani Ba Ka Khosa, 146)

Na matuco perguntou se pagavam aos brancos

q) – Está bem, Amélia – disse Sá Catarina. (João P. B. Coelho, 101)

Sá Catarina disse está bem à Amélia

r) – Onde vai? – pergunta ao médico em tom subitamente adocicado. (Mia Couto, 136)

O médico perguntou onde ia

s) – Se calhar este branco é mesmo perigoso – diz Sabonete. (João P. B. Coelho, 162)

Sabonete disse que se calhar aquele branco é mesmo perigoso

t) – Há uma coisa que me espera e me deixa curioso – disse o professor. (Jorge Amado, 268)

O professor disse que tinha algo que o esperava e o deixava curioso

u) Vou levar esse cão para casa – repetiu ele. (Pepetela, 33)

Ele disse que iria levar aquele cão para casa

v) Busca disfarçar os bocejos, o ardor dos olhos, as pálpebras pesadas, mas Lídio dá-se conta e lhe ordena: – Vá dormir. (Jorge Amado, 145)

Ele disse para que fosse dormir

Obrigado pela colaboração!